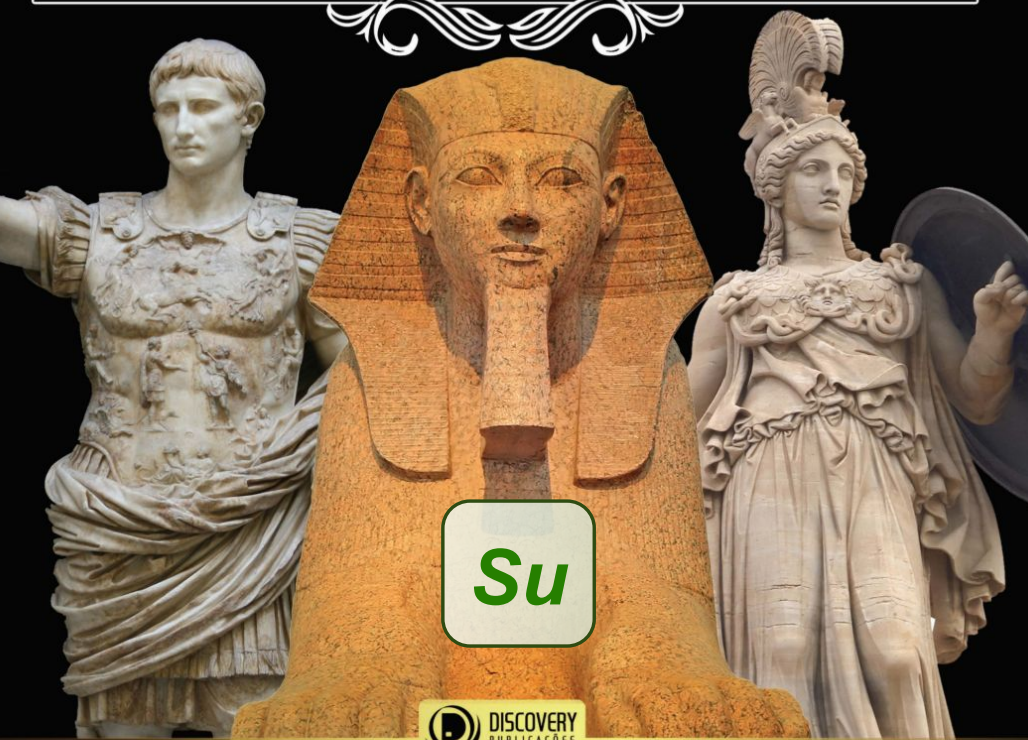


OS MISTÉRIOS E ESPLENDORES
DAS GRANDIOSAS
**CIVILIZAÇÕES
ANTIGAS**



Su



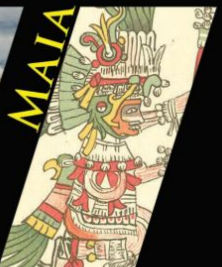
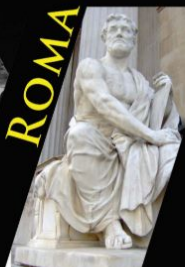
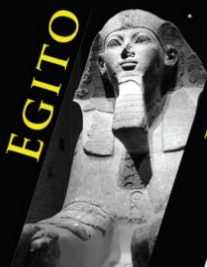
EGITO

ROMA

GRÉCIA

ASTECA

MAIA



Su

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Egito Antigo ▪ Roma ▪ Grécia Antiga ▪ Asteca ▪ Maia

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS



Rua Padre Agostinho Poncet, 135 - Mandaqui
CEP: 02408-040 - São Paulo - SP
www.discoverypublicacoes.com.br

Diretores

Fábio Kataoka
Nilson Festa

Produção Editorial

Robson Oliveira

Administração Geral

Andreza de Oliveira Pereira
andreza@discovery.com.br

Coodenação Editorial

Carlos Kataoka

Projeto e Realização

CRIATIVO MERCADO EDITORIAL

Diretora Financeira

Esilene Lopes de Lima

Projeto Gráfico

Marcelo Almeida

Diagramação

Yuri Botti

Atendimento ao Cliente

atendimento@discoverypublicacoes.com.br
011-2977-5878

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial deste trabalho, seja por meio eletrônico ou impresso, inclusive fotocópias sem prévia autorização e consentimento da editora.

APRESENTAÇÃO



As civilizações egípcia, romana e grega são as que mais se destacam entre as antigas por serem as mais documentadas; os vestígios sobre elas estão presentes e é natural que os autores de livros e artigos, e os próprios pesquisadores e cientistas se ocupem delas mais do que outras civilizações. Mas é claro que todas são importantes porque elas deram origem ao que somos enquanto civilização, ainda mais no mundo globalizado em que vivemos.

Nesta edição falamos de alguns aspectos da civilização egípcia, como a arte, a busca pela eternidade por meio dos ritos de embalsamamento e demais cerimoniais funerários, os magníficos templos que ainda resistem ao tempo; sobre Roma, que atingiu o esplendor no início da Era Cristã, tratamos da sofisticada organização política e social que evoluiu do reinado para a república e depois para o império, uma história grandiosa de quase dois milênios; sobre os gregos antigos focamos no que eles foram insuperáveis — a cultura, a arte, a arquitetura, que influenciaram a civilização romana antiga e, por extensão, toda a civilização ocidental moderna.

Complementamos a edição com duas civilizações pré-colombianas, a maia e a asteca; misteriosas, místicas, instigantes, que ainda guardam segredos e provocam indagações que talvez jamais sejam respondidas a contento.

Boa leitura!

Os Editores

ÍNDICE

PARTE I	
EGITO ANTIGO.....	08
<i>A Arte Egípcia</i>	
<i>A Busca da Eternidade</i>	
<i>Os Grandes Templos Egípcios</i>	
PARTE II	
A IMPONENTE CIVILIZAÇÃO ROMANA.....	32
<i>A República Romana</i>	
<i>O Império Romano</i>	
<i>A Lenta Decadência de Roma</i>	
PARTE III	
GRÉCIA ANTIGA, CULTURA, ARTE, ARQUITETURA.....	54
<i>A Estatuária</i>	
<i>A Chegada de Roma</i>	
<i>O Legado das Artes Gregas</i>	
PARTE IV	
A CIVILIZAÇÃO ASTECA ORIGENS E EXPANSÃO.....	68
<i>A Sociedade Asteca</i>	
<i>Deuses e Sacrifícios</i>	
<i>Astronomia, Meteorologia, Calendário</i>	
<i>Arquitetura, Pirâmides, Templos</i>	
PARTE V	
A MISTERIOSA CIVILIZAÇÃO MAIA.....	84
<i>Organização Social</i>	
<i>Toltecas e Chichimecas</i>	
<i>As Cidades dos Maias</i>	

PARTE I

EGITO

ANTIGO

A MAIS INTERESSANTE E COMPLEXA DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS, A EGÍPCIA, POSSUI TANTAS CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS E EXTRAORDINÁRIAS QUE TEM RENDIDO CENTENAS DE OBRAS QUE AS DETALHAM; AQUI, VAMOS DESTACAR TRÊS DELAS – A ARTE; A BUSCA PELA ETERNIDADE POR MEIO DA MUMIFICAÇÃO E DOS CULTOS RELIGIOSOS; A EDIFICAÇÃO DE MONUMENTOS MAGNÍFICOS; A SOFISTICAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA CONTINUA ATRAINDO A ATENÇÃO DA CIÊNCIA, DOS ARQUEÓLOGOS E HISTORIADORES HODIERNOS.





A ARTE EGÍPCIA UM GRANDE LEGADO

A arte egípcia amadureceu plenamente no período dinástico daquela civilização, no qual se consolidaram características que a diferenciam até hoje.

De fato, as obras de arte produzidas pelos egípcios são consideradas um dos grandes legados de sua cultura, tanto quanto as fenomenais pirâmides e outros prodígios arquitetônicos. Pode-se mesmo compreender as mudanças operadas no modo de vida egípcio por meio de suas criações artísticas – até porque, muitas eram funcionais, ou seja: desempenhavam papéis no cotidiano da população (vasos, esculturas, mobiliários etc.). Os egípcios não desassociavam prazer estético de *utilidade*.

Os meios mais tradicionais de se imortalizar a arte eram os hieróglifos, as pinturas e os relevos. Formas simétricas caracterizavam as ilustrações. Os desenhos eram parte importante do processo de comunicação, já que os egípcios não transmitiam seus conceitos por meio de letras, mas de gravuras. A comunicação “grafada” subdividia-se em: hieróglifos (utilizados em assuntos sagrados), hierática (utilizada por nobres e sacerdotes) e demótica (a escrita utilizada pelo povo).

O relevo era uma manifestação artística recorrente, obtendo seu efeito singular por meio da modelagem e do jogo de luz e sombra. Altos ou baixos, os relevos eram coloridos, como as pinturas. Havia, também, o alto-relevo, técnica utilizada em interiores e em edifícios religiosos. Tanto nos relevos como nas pinturas, porém, o princípio de retratação figurativa adotado pelos egípcios evitava a noção de perspectiva, tão valorizada em manifestações artísticas “modernas” (como a fotografia e o cinema); as cenas retratadas por artistas egípcios eram “chapadas”, ou seja: não utilizavam a superfície da pintura ou relevo como espaço para ilusão.

AS FORMAS DA FIGURA HUMANA NA ARTE EGÍPCIA

A figura humana costumava ser reproduzida em pé, com a cabeça posicionada de lado – o que permitia ao espectador ver apenas metade da boca e um dos olhos. Também os pés, braços e cintura eram apresentados de perfil. Cor era um princípio altamente valorizado pelos egípcios, e nenhuma pintura estaria completa sem ela. Tons recorrentes eram preto, branco, vermelho, amarelo, azul e verde. Estes não eram mesclados, havendo raríssimos *dégradés* entre uma e outra camada do desenho.

As ilustrações partiam de uma fase preparatória. Os retratistas egípcios fiavam-se em conceitos pré-estabelecidos de proporção e em linhas de orientação para definirem o espaço ocupado por figura, bem como para assegurar o realismo dos desenhos. Isso, claro, no que se referia às principais ilustrações da composição, já que elementos e personagens secundários eram garantidos à mão livre. O tamanho de



cada personagem retratado em uma determinada paisagem variava de acordo com sua posição na sociedade. Obviamente, a maior figura era a do faraó, seguido por sua esposa. Figuras masculinas eram comumente retratadas em tom vermelho e femininas, em ocre.

Acredita-se que os artistas egípcios trabalhavam em grupo e, considerando-se seu expressivo legado cultural, pode-se concluir que a arte era uma fonte de renda lucrativa naqueles tempos. As pinturas eram aplicadas sobre superfícies de pedra ou gesso, previamente preparadas com sulfato de cálcio hidratado.





MUMIFICAÇÃO A BUSCA DA ETERNIDADE

Através de séculos, as múmias têm sido figuras proeminentes da literatura popular e do cinema. No século XVII, as múmias e as maldições deixadas em quem as encontrasse serviram como tema para muita literatura gótica.

Durante o século XX, as histórias associadas com as múmias continuaram, como num conto sobre o desastre do Titanic (1912), que culpava seu naufrágio a uma múmia que estava sendo transportada pelo navio. Outra lenda envolve todas as pessoas associadas à abertura da tumba de Tutankhamon, que morreram de forma sobrenatural.

Quando começaram os primeiros estudos sobre as múmias, no início do século XIX, foram examinadas aquelas múmias que haviam sido trazidas pelos turistas como uma espécie de souvenir das viagens ao Egito. Dentro da sociedade vitoriana, as “festas de desenrolar as múmias” viraram moda, sem nenhum remorso pela profanação dos corpos pré-cristãos.

Mais infelizes foram as múmias exportadas aos Estados Unidos para serem utilizadas na indústria de papel ou, ainda, como contou o escritor Mark Twain, para servir de combustível para os trens.

O Vale das Múmias Douradas, no oásis de Bahariya, 300 quilômetros ao sudeste de Cairo, é o lugar de descanso final de mil múmias, as mais bonitas e bem preservadas que foram encontradas em todo o Egito. O oásis – antigo centro agrícola da era faraônica e famoso por seu vinho – se encontra ao leste de Bawiti, a cidade mais importante das quatro que lhe compõem.



CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

DESCOBERTA ARQUEOLÓGICA ACIDENTAL

Em 1996, um guarda de antiguidades do templo de Alexandre, o Grande, cruzava o deserto em seu burro que tropeçou e caiu. No local ficou um buraco aberto que chamou a atenção pelas faíscas de luz que pré-anunciavam uma das descobertas arqueológicas mais importantes do século XX.

Por baixo das areias do deserto iniciou-se uma exploração de grande escala dirigida por Zahi Hawass, do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito, que terminou com o descobrimento, em 1999, de 105 de 10 mil múmias calculadas que foram enterradas neste lugar.

Durante a primeira escavação, foram descobertas quatro tumbas separadas. Quando a primeira foi aberta, havia a múmia de uma mulher de 1,55 metro de altura com máscara e colete cobertos de ouro. Os restauradores utilizaram escovas e outros equipamentos de limpeza para retirar a areia do peito das múmias, trabalho que levou duas semanas.



As múmias encontradas, muito diferentes umas das outras, estavam envolvidas em faixas pintadas, ou cobertas de ouro. Pertenciam a homens velhos, suas esposas e filhos jovens, um ao lado do outro; todos sorridentes.

Cada uma das quatro tumbas desenterradas tinha um estilo arquitetônico distinto. Uma delas conta com um hall de entrada, uma sala e duas câmaras de sepultura. A outra tumba contém um grande poço no terreno com nichos sobre suas paredes. E a outra tem uma entrada e um único quarto grande, cavado na pedra, cheio de múmias.

Os habitantes do Vale das Múmias Douradas nos revelam a vida no Egito durante o período de domínio romano (que começou justamente antes do nascimento de Cristo e se prolongou por séculos) com a arte da mumificação e a crença em outra vida que tinham naquele momento. Evidentemente, a Bahariya romana era uma comunidade rica — de umas 30 mil pessoas — já que muitos de seus integrantes podiam se dar ao luxo de fazer sepulturas de ouro.

As descobertas de Bahariya demonstram que a mumificação alcançou seu pico durante o período romano ao invés de entrar em decadência, como muitos pensavam. A principal característica da mumificação na época de domínio romano era a colocação de varinhas de cana nos lados esquerdo e direito da múmia antes que o corpo fosse envolvido em faixas. Esse método a deixava bem envolvida, e explica a razão pela qual a qualidade dessas múmias era melhor neste período em comparação com as da era faraônica.

Também foi encontrada debaixo das casas da povoação de Bweit a tumba de um governador da época faraônica, integrante da dinastia XXVI do período Saíta (anos 664-525 a.C.), de uns 2500 anos de idade. A múmia estava envolvida em faixas dentro de uma sepultura de pedra calcária selada com gesso, prova de que a tumba nunca havia sido aberta. Já que nesta área não há pedra calcária, supõe-se que este personagem importante começou a construir um sarcófago em pedra esculpida, próximo ao Cairo e posteriormente foi transportado pelo rio Nilo e por terra, até seu destino final.

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS





DESCOBERTA RECENTE

Recentemente, no início de 2004, arqueólogos franceses e egípcios anunciaram a descoberta de mais de 50 múmias enterradas em valas profundas em Saqqara, 25 quilômetros ao sul do Cairo, principal cemitério usado pela cidade próxima de Mênfis. As múmias são datadas do primeiro milênio antes de Cristo. Algumas delas, envoltas em linho e sepultadas em sarcófagos de pedra ou madeira, estão em excelente estado de conservação.

De acordo com Zahi Hawass, os antigos egípcios usaram a rede escavada de valas e corredores por vários séculos, da 26ª Dinastia (664-525 a.C.) até o período ptolomaico, que terminou com a morte de Cleópatra, em 30 a.C. A descoberta é um autêntico labirinto de corredores com múmias por todos os lados, à direita e à esquerda, acima e abaixo.

Essas e outras descobertas que ainda estão em curso vão aprimorando a imagem e as informações que se tem da civilização egípcia da Antiguidade. Graças à pesquisa árdua de cientistas de diferentes países, o mundo egípcio vai deixando de ser uma incógnita absoluta, apesar de a quantidade de mistérios que o envolvem ainda ser muito grande.

CAMINHO DA ETERNIDADE

Ao mumificar os corpos das pessoas mortas, os antigos egípcios acreditavam estar construindo um caminho seguro rumo à eternidade. O corpo precisava ser conservado para a vida que viria depois da morte, no chamado mundo subterrâneo, o mundo do além. Essa obsessão pela vida eterna e a total convicção de que ela existia levaram a civilização egípcia a se especializar numa arte especial, a da mumificação.

Uma múmia nada mais é do que o corpo de uma pessoa (ou de um animal) que foi preservado após a morte. Normalmente, quando morremos, bactérias e outros micro-organismos se encarregam de devorar nosso corpo até o ponto em que simplesmente desaparecemos. Como as bactérias precisam de água para sobreviver, a mumificação protege o corpo e impede a ação dos micro-organismos.

TÉCNICAS DE MUMIFICAÇÃO

A preservação proporcionada pelas técnicas de mumificação pode ser tão eficaz que, séculos depois, ainda se pode dizer quais os traços do rosto da pessoa morta, em que estado estava o seu corpo na ocasião da morte, que idade tinha etc. Uma das técnicas de mumificação é o embalsamamento. Primeiro, o corpo era lavado e submetido a uma espécie de ritual de purificação. O passo seguinte era remover os órgãos internos da pessoa.

Uma fenda era feita no lado esquerdo do corpo, de modo que fossem retirados intestinos, fígado, estômago e pulmões. Cada um desses órgãos era embalsamado com natrão, uma espécie de sódio natural, cuja função era secar os órgãos, impedindo as bactérias de se alojarem nos tecidos.

Depois, os órgãos eram individualmente embalados com longas bandagens de linho e colocados em jarros chamados canopos. Cumprido esse processo, era necessário preencher as cavidades internas do corpo com natrão. O cérebro era, então, removido pelo nariz, graças ao uso de longos ganchos. Como os antigos egípcios não consideravam o cérebro um órgão importante, ele era jogado fora.

O corpo era colocado numa mesa de embalsamento e completamente coberto com natrão. Isso permitia que os fluidos corporais secassem e o

corpo ficasse desidratado. Essa etapa levava cerca de 40 dias. No final, o natrão era removido, revelando um corpo ressequido por dentro e por fora. Era feita mais uma limpeza, o corpo era esfregado com unguentos, com o objetivo de preservar ainda mais a pele da múmia.

Antes da etapa final da mumificação – quando a múmia era enrolada em bandagens de linho – os responsáveis pelo processo ainda colocavam adornos, como ouro, joias e amuletos. Os dedos das mãos e dos pés eram cobertos com anéis de ouro e depois envoltos nas bandagens.

Braços e pernas recebiam o mesmo cuidado. A resina era usada para manter as camadas de linho juntas. No final, a cabeça ficava escondida sob uma máscara de múmia e esta recebia uma última camada de resina.

TUTANKHAMON E A “MALDIÇÃO”

Entre as milhares de múmias já encontradas pelos pesquisadores no Egito a mais famosa é a do faraó Tutankhamon. Howard Carter foi o egiptólogo britânico que descobriu a tumba de Tutankhamon, em 1922, financiado pelo também egiptólogo britânico George Herbert, Lord Carnavon.

O faraó morreu de maneira desconhecida, quando tinha 17 ou 18 anos. Isso aconteceu durante a 18ª Dinastia, entre os anos de 134 e 1325 a.C. Grande parte da fama de Tutankhamon se deve ao fato de sua tumba ter sido encontrada intacta. De uma maneira misteriosa para os cientistas, sua tumba permaneceu incólume à pilhagem por mais de 3 mil anos.

Carter e sua equipe acharam a tumba do faraó em perfeito estado, dentro de um sarcófago de ouro, ao lado de pinturas, móveis, armas, joias e artefatos. Essa descoberta permitiu aos arqueólogos ter uma ideia mais precisa de como vivia um faraó no Antigo Egito.

Tutankhamon é também a múmia mais misteriosa já descoberta até hoje. A partir do momento em que Carter a encontrou, uma série de eventos aparentemente sem explicação começaram a acontecer. Esses episódios receberam o apelido de “a maldição de Tut”. O primeiro deles foi em 1922, uns poucos meses depois do descobrimento inicial:

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Lord Carnavon morreu no Cairo, vítima da erisipela desenvolvida logo após uma picada de inseto. Seis anos depois, Richard Bethell, um dos ajudantes de Carter, morreu subitamente, de uma doença circulatória e Lord Westbury, pai de Bethell, se suicidou. Dessa forma, a imprensa passou a falar ainda mais sobre uma possível “maldição” ou vingança dos faraós.

Uma das hipóteses que explicaria a morte súbita e inexplicável de tantos pesquisadores envolvidos na descoberta de múmias estaria ligada às radiações de urânio. Inúmeros arqueólogos se queixaram de cansaço e outros deram mostras claras de problemas mentais e depressão, sintomas comuns dos afetados por radiação.

Para apoiar a tese das radiações, há referências ao naufrágio do Titanic. Lord Canterville levava naquele navio da Inglaterra à Nova York a múmia de uma famosa pitonisa egípcia da época de Amenofis IV encontrada em Tell-el-amarna. Devido ao seu extraordinário valor e delicadeza, não se atreveram a guardá-la na parte de cargas. A presença da múmia foi relacionada à estranha conduta do capitão do barco, que fez e disse coisas estranhas no dia do naufrágio, algumas das quais foram relacionadas com o maior número de vítimas.

Outra hipótese diz respeito ao “*aspergillus niger*”. Em 1962, Ezz Eldin Taha, médico biólogo da Universidade do Cairo, descobriu a presença de um fungo, o “*aspergillus niger*”, nos exames feitos em vários arqueólogos que há muito tempo apresentavam uma infecção chamada de “sarna copta”, cujos principais sintomas eram eczemas na pele das mãos e às vezes nas vias respiratórias.

Uma terceira hipótese aventada foi a do veneno: mais uma tentativa de explicar racionalmente a “maldição dos faraós”. Segundo essa tese, os sacerdotes, hábeis na preparação de substâncias tóxicas, poderiam ter colocado veneno nas tumbas depois de essas terem sido fechadas.

Os egípcios conheciam a existência e a obtenção do ácido prússico ou cianídrico. Este gás causa a morte instantânea por asfixia. O fato de fechar hermeticamente a tumba, como se fazia no Egito, contrasta com o conceito religioso de deixar abertura para que o Ka (espírito) possa



sair. Eles também conheciam o mercúrio que evapora no frio, sendo perigoso para o sistema nervoso.

Os defensores desta hipótese se baseiam em detalhes como os pequenos buracos que os ladrões de tumbas faziam nas portas, tendo como finalidade deixar sair o gás venenoso, por terem visto morrer alguns de seus companheiros em ocasiões anteriores. Outro detalhe é a existência de cadáveres de ladrões de tumbas encontrados perto da múmia, mortos por causas desconhecidas.



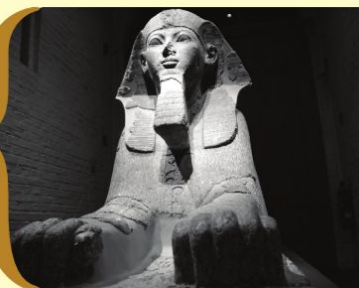
OS GRANDES TEMPLOS EGÍPCIOS

Nem só de pirâmides monumentais floresceu a arquitetura e a engenharia egípcias. Embora gigantescas e suntuosas, essas construções dividiam a atenção daquela civilização com a presença de grandes templos. Eram obras de significado igualmente importante para os egípcios, porque tinham significados diversos, com ênfase para seu caráter religioso.

Mais de uma dezena deles marcou a história daquele país com essas características. Foram eles: Mênfis, Ábidos, Dendera, Karnak, Luxor, Colossos de Memnon, Ramesseum, Medinet-Habu, Deir el-Bahari, Edfu, Kom Ombo e Filae, Abu-Simbel.

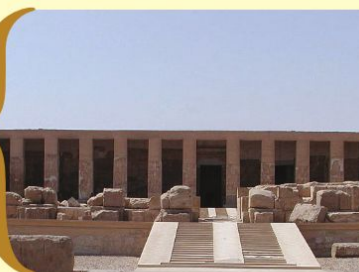
MÊNFIGIS

O templo de Mênfis ficava na cidade de mesmo nome, capital egípcia desde o Antigo Império e centro de culto ao deus Ptah. Restou nos dias de hoje muito pouco da antiga cidade. Nada além de algumas ruínas esparsas. Sabe-se, porém, que se destacam lá algumas esculturas colossais, como uma esfinge atribuída à rainha Hatshepsut, da 18ª Dinastia.



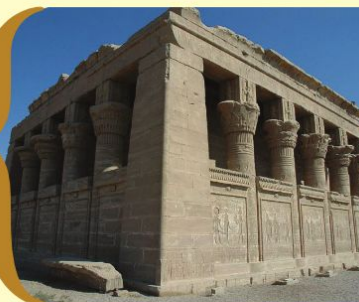
ÁBIDOS

A cidade de Ábidos era tida como o centro de culto de Osíris. O local se transformou em ponto de peregrinação desde o início dos tempos históricos, quando foi erguido um bellissimo templo pelo faraó Seti I, na 19ª Dinastia. Os relevos religiosos do templo estão entre os mais bem executados de todo o Egito Antigo, ao longo de mais de quarenta séculos de história.



DENDERA

Dendera ficou famosa como centro de culto da deusa Hathor. Seu templo atraía anualmente multidões de fiéis que para lá se dirigiam. A obra foi construída no período conhecido como Ptolemaico. O conjunto principal do templo de Dendera apresentava em sua luxuosa entrada uma série de colunas construídas na forma da cabeça da deusa. No templo havia ainda algumas criptas e um lago sagrado.



CIVILIZAÇÕES ANTIGAS



KARNAK

A localidade de Karnak é, ainda hoje, muito conhecida, graças a sua fama como centro de culto do deus Amon-Rá. Constituiu-se o maior santuário de todo o Egito. A construção remonta ao Médio Império. Mas foi no Novo Império que o templo teve grande projeção, com obeliscos, estátuas colossais e salas de colunas impressionantes, datados da 18ª à 20ª Dinastia. O Templo de Karnak ficava precisamente na margem leste do Nilo. A obra deu o nome às majestosas ruínas de templos que, com Luxor, formava antigamente uma parte da famosa Tebas das Mil Portas, capital do Novo Império (1580 a.C.-1085 a.C.). O grande Templo de Amon levou muito tempo para ser construído e se tornou a obra de muitos faraós. A maioria dos restos visíveis data das Dinastias 18ª e 19ª (1514 a.C.-1205 a.C.). Karnak sempre foi considerada pelos egípcios como a casa de deus. Como cada faraó tinha a ambição de ser o construtor do seu templo, os mais poderosos não hesitavam em desmontar as construções dos seus antecessores. Ao fazerem isso, queriam reutilizar os blocos de pedras lavradas, muitos esculpidos com relevos antigamente coloridos. Especialmente os pilonos, portais gigantescos, são repositórios desses testemunhos do passado.



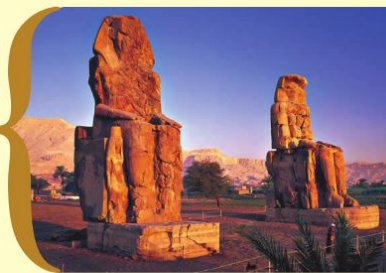
LUXOR

O Templo de Luxor era ligado ao de Karnak por uma avenida ladeada de esfinges. Na imagem, vemos a colunata atribuída ao faraó Amenhotep III (18ª Dinastia). Ramsés II (19ª Dinastia) também está ligado à construção. A obra foi construída, em sua maior parte, pelo faraó Amenhotep III. O recinto tem à frente uma

enorme coluna e um obelisco, além de estátuas de Ramsés II. No interior do templo dedicado a Luxor encontravam-se vários pátios com colunas. O principal e mais belo de todos era aquele construído por Amenhotep III. Ao longo de décadas, o complexo de obras foi ampliado por Tutankamon, Horemheb e Ramsés II. Mais adiante, ao norte, seria erguido o amplo complexo do Templo de Karnak.

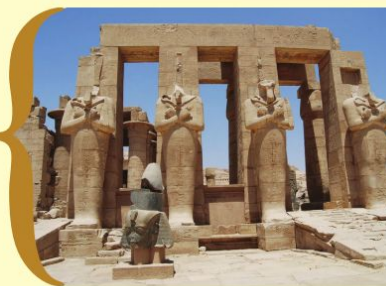
COLOSSOS DE MEMNON

Formado por um par de estátuas, com vinte metros de altura cada, os Colossos de Memnon foram a única coisa que restou de um grandioso templo construído pelo faraó Amenhotep III (18ª Dinastia). A obra foi erguida junto ao vale fértil na margem oeste do Nilo defronte da moderna Luxor. A denominação veio dos gregos, que relacionaram as imagens à mitologia helênica.



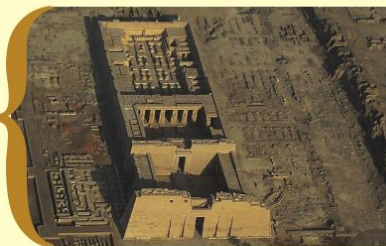
RAMESSEUM

O Ramesseum era uma espécie de templo funerário construído por Ramsés II, na 19ª Dinastia egípcia. A sua localização ficava na margem oeste do Nilo, defronte da moderna Luxor. Além de estátuas gigantescas, que chegavam a pesar algumas toneladas, o templo possuía interessantes relevos históricos. Ali, ficaram registradas cenas de batalhas, onde o faraó exalta suas conquistas militares e territoriais.

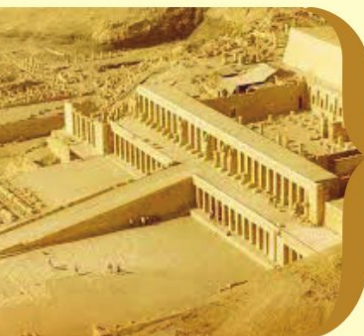


MEDINET-HABU

A margem oeste do Nilo, em Luxor, também abrigaria outro templo funerário. Dessa vez, do faraó Ramsés III, cujo governo concretizou a vigésima Dinastia. Além da construção dos pylonos e pátios, o templo impressiona por ainda preservar parte da pintura em cores vivas nos



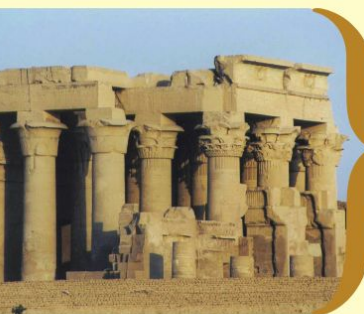
CIVILIZAÇÕES ANTIGAS



relevos que decoravam as paredes e colunas.

DEIR EL-BAHARI

O Templo de Deir El-Bahari situa-se na margem oeste do Nilo, defronte de Luxor. Sua construção ocorreu por determinação da rainha Hatshepsut, na 18ª Dinastia. Considerado um templo de arquitetura bastante original, tinha rampas de acesso e largos pátios. Em suas paredes colocaram relevos que mostravam a comemoração de eventos do reinado da governante. Havia também cenas de uma expedição comercial a Punt (Somália), de onde foram trazidas árvores de incenso.



KOM OMBO

Conhecido como centro de culto de Sobek, o deus crocodilo, foi construído em Kom Ombo um templo no Período Ptolemaico. No local, criavam-se répteis considerados sagrados à divindade. Esses animais eram mumificados e sepultados com grandes honrarias. Existem indícios também que talvez ali funcionasse um centro médico: nos relevos decorativos há uma imagem de instrumentos cirúrgicos. O interesse dos seguidores de Sobek por sacrifício de animais se dava porque o deus era representado com cabeça de crocodilo. Horus, outro venerado, tinha cabeça de falcão.

Com arquitetura greco-romana, o templo de Kom Ombo começou a ser construído no início do segundo século antes de Cristo, quando a Dinastia dos Ptolomeus imperava no Egito.



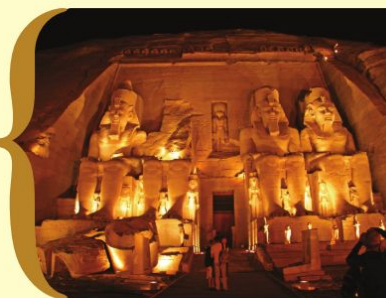
FILAE

O majestoso templo de Filae tornou-se o centro do culto da deusa Ísis. Esse culto teve início no período Ptolemaico. O impressionante conjunto apresenta dois pilonos e pátios com colunas. Construído numa ilha, o templo esteve parcialmente submerso nas águas da represa de Aswan na década de 60, quando então foi

remontado numa ilha vizinha à original.

ABU-SIMBEL

Dedicado aos deuses Rá, Amon e Ptah, o templo de Ramsés II foi erguido na região da Núbia, região sul do Egito. Sua fachada preserva quatro imagens do faraó sentado, com vinte metros de altura cada, ladeado das esposas e filhos. O templo menor, vizinho, foi dedicado à deusa Hathor pela rainha Nefertari. Na década de 60, também foram salvos de submersão pelas águas da represa de Aswan.



O templo de Abu-Simbel seria desmontado e reconstruído na Ilha Agilika, a aproximadamente 550 metros de seu lugar original, na Ilha de Philae. Os arqueólogos tiveram o cuidado de respeitar ao máximo suas características originais, inclusive de localização: foi colocado num belo cenário com características idênticas ao do anterior. Formado por várias capelas e santuários, o templo Abu-Simbel inclui o famoso Vestíbulo de Nectanebos I, então usado como entrada da ilha. Há ainda o Templo do Imperador Adriano, o Templo de Hathor, o Quiosque de Trajano (Cama do Faraó), e dois pilonos (pórtico de antigo templo egípcio com forma de duas pirâmides truncadas) que celebram todas as deidades envolvidas no mito de Ísis e Osiris.

Em Abu-Simbel, Ramsés II mandou esculpir na rocha viva – que se ergue próximo da margem do Nilo com a inclinação de uma pirâmide –, as quatro estátuas sentadas já citadas. A ordem se justifica pelo seu desejo de construir e perpetuar-se na pedra. Para isso, Ramsés saqueou as pirâmides, retirou pavimentos e destruiu belos monumentos para

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

obter material para suas próprias obras.

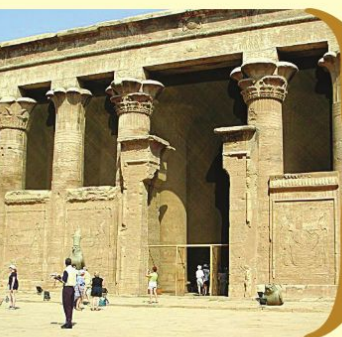
OBELISCOS DE TUTMOSIS

O faraó Tutmosis III tinha cerca de 30 anos quando se tornou imperador de todo o Egito Antigo. Ele não só foi um notável general, como também um habilidoso e respeitado estadista africano. Entre seus súditos, dizia-se que, como faraó, Tutmosis III tinha um comportamento de verdadeiro homem, com elevados ideais e de grande caráter. Em suas instruções ao vizir Rekhmire, Tutmosis III deixava claro sua insistência na imparcialidade de um juiz. Para ele, deveria se considerar a absoluta necessidade de tratar todas as pessoas da mesma forma, sem mostrar favoritismo para amigos ou parentes. Tutmosis III ergueu pelo menos quatro obeliscos, sendo que dois na região de Karnak. Construiu também vários prédios públicos e muitos santuários dedicados a vários deuses. Algumas dessas construções, felizmente, ainda existem.



O TEMPLO DE EDFU

O Templo de Hórus, o Deus-Falcão, em Edfu, é, atualmente, um dos mais belos e mais bem conservados templos do Egito Antigo. A construção está localizada na parte sul de Luxor e do Vale dos Reis. Sua construção aconteceu nos reinados de Ptolomeu III e Ptolomeu IV, por volta de 100 a.C.. Acredita-se que um templo da Terceira Dinastia existisse originariamente no local. Sua planta constitui o padrão dos templos egípcios: um portal de entrada, ladeado de pilonos (torres), conduz a um pátio com colunas que leva ao santuário.





PARTE II

A IMPONENTE CIVILIZAÇÃO ROMANA

ROMA, FUNDADA HÁ 2.700 ANOS, É O BERÇO DA CIVILIZAÇÃO QUE HOJE NOS DEPARAMOS NO OCIDENTE. COM SEUS CÉSARES, GENERAIS, EXÉRCITOS PODEROSOS E UMA ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA SOFISTICADA, ROMA CRESCER, EXPANDIU SEUS DOMÍNIOS PARA OUTRAS PARTES DO MUNDO, ESTABELECENDO UM IMPÉRIO DE UMA MAGNITUDE, NO SEU AUGE, JAMAIS ALCANÇADA POR OUTRA NAÇÃO.



As origens de Roma remontam ao século VIII a.C., passou pelas fases monárquica, republicana e imperial, chegando ao ano 476 da era cristã, quando ocorreu o final do Império Romano do Ocidente, com a tomada de Roma pelos hérulos, uma vez que a parte oriental do Império — que posteriormente os historiadores denominariam Império Bizantino — continuou a existir por quase mil anos, até 1453, quando ocorreu a Queda de Constantinopla. O final do Império Romano do Ocidente causou a deposição de Rômulo Augusto, seu último imperador, por um grupo de mercenários, quando quase nada mais restava das tropas imperiais.

MOTIVOS DA QUEDA

A queda foi causada por uma série de fatores, entre os quais as invasões bárbaras que causaram a derrubada final do Estado, mas outros motivos também contribuíram para seu declínio, como a constante luta interna pelo poder, a corrupção, a erosão econômica que trouxe o colapso completo da produção e do comércio em larga escala, além de seu próprio gigantismo, uma vez que se tornou economicamente e militarmente impossível manter controle sobre todos os territórios ocupados.

Também contribuíram para a queda a diversificação cultural que tomou conta de Roma, após o contato com as colônias e com a naturalização dos bárbaros, mais a mistura da religiosidade romana com outros credos, tudo isso ajudou a descentralização do poder e seu enfraquecimento, além das inúmeras rebeliões nas províncias, que foram minando a hegemonia romana.

COMO ROMA SE FORMOU

A região geográfica onde está Roma começou a ser povoada a partir de 2000 a.C. por povos descendentes dos arianos gregos, que se deslocaram para o centro e para o sul da península itálica. Esses povos primitivos, que ficaram conhecidos como itálicos ou itálicos, formavam vários núcleos de povoação: latinos, samnitas, úmbrios, volscos e sabinos. O território era ocupado, nos primeiros tempos, ao norte, pelos ligures e, ao sul, pelos sículos – estes, também conhecidos como sicilianos. Entre os itálicos, foi o povo latino que se estabeleceu na planície do Lácio, às margens do rio Tibre. Ali, praticaram a agricultura e o pastoreio. Nesse período, Roma ainda não existia como cidade, era um grande forte militar, construído para evitar a invasão de novos povos vizinhos.



COLONIZAÇÃO NO SUL

No século VIII a.C., os gregos, que já possuíam um notável desenvolvimento econômico e cultural, começaram a colonizar o sul da região, impondo um tipo de desenvolvimento bastante diferente do que existia nas tribos itálicas. Já os etruscos, vindos da Ásia Menor, começaram a ocupar a planície localizada a oeste do rio Tibre, formando uma confederação que se distribuía em doze cidades. A partir de sua área de ocupação inicial na península, no norte, pouco a pouco, ampliaram seu território até o sul, chegando às planícies do Lácio e de Campânia, e competindo com os gregos, depois de se unirem aos fenícios de Cartago. E foi justamente no século VIII a.C. que etruscos e gregos, que então constituíam duas notáveis civilizações, lançaram as bases do que se transformaria no poderoso Império Romano. Nas terras onde posteriormente se localizaria a Toscana, as cidades etruscas evoluíram, chegando próximas ao auge do esplendor. Na região sul da península e também na Sicília, a chamada Magna Grécia implantava uma cultura rica em

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

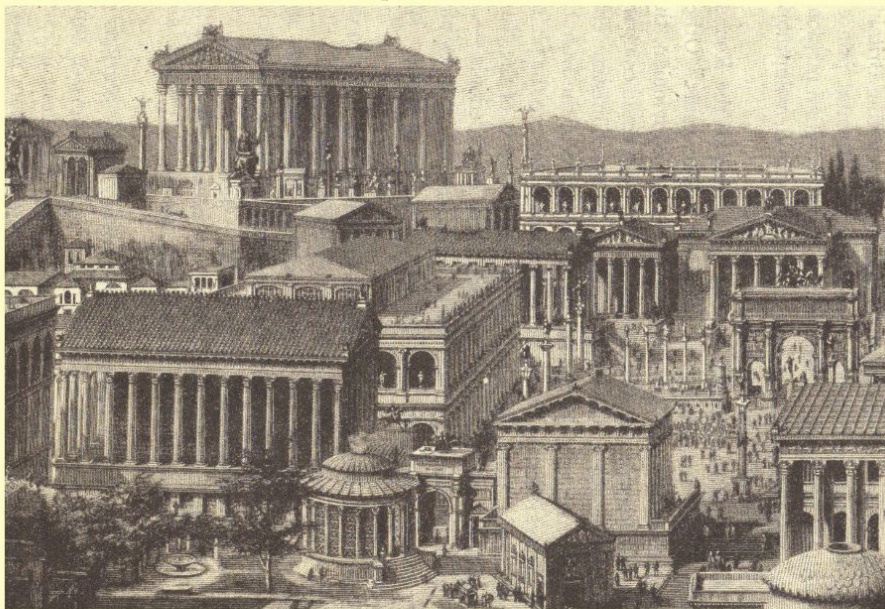


ciudades como Tarento e Siracusa.

Outros povos que habitavam a região eram os latinos e os samnitas, dispersos e num nível baixo de civilização; esses povos compartilhavam a língua e costumes religiosos e se unificaram mediante essa identidade cultural. Com a influência da cultura latina dos etruscos e gregos, Roma se converteu numa verdadeira cidade, deixando de ser um aglomerado de aldeias que era até então. Nessa etapa, a cidade ganhou a melhora de obras públicas importantes, como saneamento, construções de templos e de vias para locomoção, praças e locais de reunião da população.

LENDAS SOBRE A FUNDAÇÃO DE ROMA

Em épocas posteriores, vários autores recolheram os registros da história e deram forma literária a antigas lendas sobre a fundação da cidade, que teve sua data fixada convencionalmente em 753 a.C. Segundo essas lendas, o fundador de Roma teria sido Rômulo, amamentado nos primeiros tempos após o nascimento, junto com seu irmão Remo, por uma loba. A imagem dos dois irmãos sendo alimentadas pela loba se tornaria um ícone e o maior símbolo da cidade. Até hoje, é possível ver essa imagem em várias obras e monumentos romanos e mesmo estampada em documentos oficiais.



URBANIDADE

Culturalmente evoluídos e ricos, os etruscos conseguiram dar à cidade de Roma uma estrutura ímpar. Utilizaram novas técnicas até então desconhecidas pelos latinos, implantaram uma agricultura de produção que veio a ser a atividade econômica predominante.

Desenvolvidos, os etruscos se dedicavam a atividades tipicamente urbanas, como o comércio e o artesanato. Assim, Roma foi crescendo e adquirindo cada vez mais contornos de cidade e as mudanças econômicas ocorridas provocaram grandes transformações na organização social.

Com o surgimento da propriedade privada, a comunidade primitiva desapareceu. As famílias ligadas ao pater-família se apropriaram das melhores terras, formando uma aristocracia de patrícios (pater ou pai, em latim), que se impuseram como uma das camadas sociais dominantes, a outra era o clã, formada por etruscos que se agrupavam em torno de uma única unidade básica, o chamado clã ou gens. Os patrícios se agrupavam também em torno de associações religiosas chamadas cúrias.

Quem não pertencia ao gens era considerado plebeu. Em geral, a camada dos plebeus era formada por estrangeiros, comerciantes, artesãos e pequenos proprietários de terras. Os plebeus que conseguiram enriquecer, podiam reivindicar uma condição melhor, desde que se colocassem sob a proteção legal de uma família patrícia. Em troca, tinham de executar alguns serviços e adotar o mesmo culto religioso da família protetora. Desse modo, os plebeus romanos conseguiam assegurar para si seu direito à propriedade perante as leis romanas.

REGIME MONÁRQUICO E ESCRAVOS

Durante o século VI a.C., o regime de governo em Roma era monárquico e o poder real apresentava caráter divino. O rei acumulava a chefia militar, administrativa, jurídica e religiosa. Era eleito pelo senado e governava durante toda vida. Para governar, apoiava-se em duas instituições: o senado, que era exatamente um conselho de anciãos composto pelos patrícios mais importantes, e a Assembleia Curiativa, que reunia todos os patrícios adultos, membros das trinta cúrias romanas.

Durante séculos, os patrícios se dividiram em três tribos e estas, por sua vez, em dez cúrias. Cada tribo contribuía para a defesa do Estado com

cem cavaleiros e dez centúrias — unidade básica do exército romano que gerou a expressão “centurião romano”.

Havia também uma classe social formada por escravos na Roma Antiga que inicialmente existia em pequeno número, e eles se limitavam a executar serviços domésticos ou a atender as necessidades pessoais dos patrícios.

Enquanto monarquia, sete reis governaram Roma ao longo de dois séculos e meio, período durante o qual o território dominado pelos romanos passou por uma contínua expansão. Os quatro primeiros monarcas foram Rômulo, Numa Pompílio, Túlio Hostílio e Anco Márcio — mas até hoje não se sabe ao certo se esses reis de fato existiram, pois tanto seus nomes quanto seus feitos foram narrados muitos séculos após a fundação da cidade. Os três últimos soberanos foram os etruscos Tarquínio, o Velho, Sêrvio Túlio e Tarquínio, o Soberbo, estes sim de existência mais documentada, cujos governos se estenderam pela maior parte do século VI a.C.

A monarquia romana serviu a um fim comum com o fim de notar o progresso econômico e cultural. Os romanos adotaram a agricultura e o modificaram até criarem o alfabeto latino que se tornou a base da formação de muitos idiomas falados em muitos países.

COMO SE DAVA A ELEIÇÃO DOS REIS

Para ser eleito, o rei precisava ter o apoio da maioria da Curia. O senado se reunia num momento determinado na Assembleia Curia. Isto lia um entre os três senadores. O nome dos soberanos do período que compõe a monarquia romana, o Soberbo, deposto e expulso da cidade em 409 a.C. Tarquínio teria se envolvido em crimes mais baixos da sociedade, provocando a ira dos patrícios. Nessa época a monarquia etrusca já estava em decadência, principalmente devido aos ataques sucessivos dos gaulês e da forte presença dos gregos na Itália.





A REPÚBLICA ROMANA

O nascimento da república romana surgiu de uma reação dos patrícios, que procuravam, a todo custo, reaver o poder político perdido para os reis etruscos. A expulsão dos etruscos ocorreu, segundo a maioria dos historiadores em 509 a.C., daí foi instituída a república, como uma resposta à nova ordem política. Com a instituição da república, o monopólio do poder voltou às mãos dos patrícios e as instituições romanas asseguravam a manutenção desse poder.

Nesse período, plebeus e escravos continuaram sem direitos políticos. Alguns plebeus que enriqueciam por meio do comércio conquistavam alguns privilégios ao se aproximarem dos patrícios. A pouca participação política da plebe, que vinha desde os tempos da monarquia, continuou, portanto, durante a república.

O senado constituiu a base da república romana e, composto por 300 patrícios, tinha a responsabilidade de propor leis.

CARGOS PÚBLICOS

Na república, os cargos eram quase todos vitalícios, e os membros do senado tinham como funções garantir a integridade da tradição e da religião, supervisionar as finanças públicas, conduzir a política externa e administrar as províncias. A presidência do senado era exercida por um magistrado, que também tinha o poder de convocá-lo. O magistrado podia ser um cônsul, um pretor ou tribuno. Duas assembleias eram encarregadas de votar as leis propostas pelo senado.

Havia a Assembleia Curiata, que perdeu quase toda sua importância durante a república, e a Assembleia Centuriata, formada pelas centúrias — divisões políticas e militares compostas de cem cidadãos. Cabia à Assembleia Centuriata discutir e votar as propostas. O poder executivo era exercido pelos magistrados, pertencentes, na maioria das vezes, à classe dos patrícios. Todos os magistrados eram eleitos pela Assembleia Centuriata para o mandato de um ano. As magistraturas exigiam a presença de dois ou mais magistrados para cada cargo.

CÔNSULES, PRETORES E PLEBEUS

Os cônsules detinham o maior poder durante a república, equivalente ao dos antigos reis. Eram eleitos dois para o período de um ano. Comandavam o exército e convocam o senado. Quando havia alguma crise, eram os cônsules que indicavam um ditador, que exercia o poder de forma absoluta durante o período máximo de seis meses.

Existiam ainda os pretores, aqueles que zelavam pela justiça. Havia dois pretores: um para as cidades, chamado de urbano, e outro para o campo e para estrangeiros, o peregrino. Os pretores calculavam o nível de riqueza de cada cidadão e vigiavam a conduta moral do povo. Os questores, por sua vez, eram encarregados de administrar as finanças públicas. Por causa da luta da plebe romana por seus direitos, surgiria, tempos depois, a função que denominaram de tribuno da plebe. A esse cargo era atribuído o poder de vetar todas as leis contrárias aos interesses dos plebeus, menos em época de guerras ou graves perturbações sociais, quando todas as leis ficavam sob controle exclusivo do ditador. No magistrado, havia também a figura do censor. Sua função era fazer o recenseamento dos cidadãos.

Desse modo, os patrícios controlavam o senado, a Assembleia Centuriata e as principais magistraturas. Com isso, impediam que os plebeus fossem nomeados cônsules ou censores. Isso levou a sucessivas revoltas da plebe, tendo a primeira ocorrida em 494 a.C. Em 471 a.C., foi criada a Assembleia da Plebe, composta exclusivamente por membros das camadas inferiores para escolher seus próprios tribunos. Como não havia nenhuma legislação escrita que garantisse os direitos aos plebeus romanos, estes novamente decidiram se revoltar no ano de 450 a.C. Desta vez, o resultado da revolta levou à criação de nova legislação que lhes deu alguns direitos, embora pouco tenha mudado. Muitas proibições foram conservadas.

A última revolta dos plebeus ocorreu em 247 a.C. Por causa da nova investida, os patrícios aceitaram que as leis votadas para a plebe na sua Assembleia tivessem validade para todo Estado. Essas leis, na prática, continuaram a beneficiar apenas os plebeus ricos, principalmente os comerciantes, que, por casamento, podiam almejar os melhores cargos da república.

GUERRAS E CONQUISTAS PARA ENRIQUECIMENTO

Escravos e terras constituíam riqueza, e a forma de consegui-los era por meio de guerras e conquistas. Por isso, a república romana foi marcada por conquistas que expandiram seu domínio por toda a bacia do Mediterrâneo. A conquista de novos territórios aumentava a mão de obra escrava e atendia, aos interesses dos grandes proprietários de terras e de escravos. Os romanos levaram mais de dois séculos para conquistar toda a península. No começo, as guerras serviam muito mais para os romanos se defenderem de ataques inimigos, pois a prosperidade de Roma atraía a cobiça dos vizinhos. As cidades latinas foram tomadas no ano 338 a.C. No outro lado do rio Tibre estavam os etruscos, dominadores dos romanos durante vários séculos. Cinquenta anos depois da conquista das cidades latinas, os romanos anexaram toda a Etrúria Meridional.

A expansão romana pelo continente foi interrompida pelos gauleses, que chegaram a saquear Roma. Os gauleses, por serem povos seminômades, não se demoraram muito em Roma. Após a saída dos gauleses, os romanos continuaram sua campanha de conquistas e anexaram a planície de Campânia. A presença romana ao sul alertou os gregos



da Magna Grécia, que, no entanto, foram também vencidos por eles. Assim, os romanos foram aos poucos conquistando toda a Itália.

Os romanos adotaram uma hábil política diplomática nesse período, concedendo o direito de cidadania a muitos povos conquistados. A construção de um sistema de estradas também permitiu o rápido deslocamento e a presença do seu forte exército em qualquer parte da Itália.

A LUTA CONTRA CARTAGO

Cartago era uma colônia fundada pelos fenícios no século VIII a.C., na África do Norte e evoluída, tornou-se a grande rival de Roma na região do Mediterrâneo. Os cartagineses eram grandes navegadores e os seus mercadores dominavam o comércio no Mediterrâneo. Cartago possuía também uma poderosa força naval e um exército composto de mercenários, e ocupavam parte da Sicília.



Roma entrou em guerra contra Cartago em 264 a.C. — a chamada Primeira Guerra Púnica. Depois de várias lutas ao longo de mais de duas décadas, venceu a batalha decisiva, realizada na ilha de Égales, e as forças cartaginesas tiveram de entregar para Roma as ilhas da Sicília, da Córsega e da Sardenha. Em 216 a.C., romanos e cartagineses voltaram a guerrear, a Segunda Guerra Púnica. O exército cartaginês rumou na direção norte e, depois de atravessar os Alpes, derrotou os romanos, conseguindo chegar perto de Roma. Aos poucos, o exército romano foi reconquistando posições até que, na Batalha de Zama, em 202 a.C., os cartagineses foram vencidos mais uma vez. Ao final, os cartagineses perderam a Espanha e o resto da Península Ibérica e tiveram que entregar sua esquadra naval aos romanos. Na terceira e última guerra (150-146 a.C.), um exército romano enviado à África destruiu Cartago totalmente, seus 40 mil habitantes foram escravizados e as terras conquistadas, divididas entre os invasores. Assim, Roma completou seu domínio sobre todo o Mediterrâneo Ocidental.

Daí, os romanos decidiram intervir na Macedônia e em todo Oriente Médio porque a Macedônia auxiliara os cartagineses em sua luta contra Roma durante a Segunda Guerra Púnica. Numa campanha de pouco mais de trinta anos, Roma ocupou a Macedônia, a Grécia, a Síria e a Palestina.

O Egito foi o último império Mediterrâneo a ser conquistado, sendo ocupado pelas tropas romanas em 30 a.C. Após as vitórias dos exércitos de Júlio César nas campanhas da Gália, completou-se o quadro de conquistas romanas na fase da república.

TRANSFORMAÇÕES NA REPÚBLICA ROMANA

O domínio romano absoluto na bacia do Mediterrâneo resultou em grandes transformações econômicas, sociais e políticas; a economia romana passou a se fundamentar na venda de escravos capturados entre os povos vencidos e na cobrança de tributos das regiões conquistadas.

O trabalho escravo passou a ocupar todas as atividades profissionais, sobretudo nas grandes propriedades, que chegavam a atingir a extensão de 80 mil hectares. O resultado dessa transformação foi o surgimento do latifúndio e do domínio de uma poderosa aristocracia romana. Com o progresso econômico resultante do imperialismo, ocorre, no Império Romano, o surgimento de uma nova classe social, a dos homens novos ou cavaleiros, formada por antigos plebeus que possuíam capital e que, aplicando-o em atividades rendosas, tornavam-se ricos. Os plebeus, como classe social, sustentáculo do exército, tendia a desaparecer.

A agricultura em grande escala exigia cada vez mais capital e tanto o regime escravocrata quanto os pequenos proprietários estavam sendo arruinados. Como o trabalho livre praticamente não existia (a maioria das tarefas era executada por escravos), os plebeus passaram a viver em torno de Roma, sustentados pelo Estado. Essas mudanças, resultantes da exploração, abriram um novo quadro em Roma, marcado por violentas lutas políticas e sociais. Inicialmente, ocorreram conflitos entre patrícios e plebeus e, depois, entre patrícios e cavaleiros, que reivindicavam o direito de ocupar cargos na magistratura e no senado, pois isso lhes aumentaria o poder econômico.



O IMPÉRIO ROMANO

LUTAS INTERNAS PELO PODER

Os conflitos internos em Roma iriam destruir as bases da república e formar o império. A plebe empobrecida tinha seus tribunos no senado para defender seus interesses. O tribuno Tibério Graco propôs, em 133 a.C., a Lei Agrária, destinada a realizar em Roma a redistribuição de terras inativas (não cultivadas) entre os plebeus desempregados.

De origem nobre e rica, Tibério Graco teve educação influenciada pela cultura grega e seu modelo de conduta era a democracia ateniense, principalmente os ensinamentos de Péricles. Como tribuno da plebe, retomou antigas leis, que nunca haviam sido postas em prática, referentes ao uso de terras públicas por particulares.

Tibério propôs um limite à propriedade de 125 hectares. As que ultrapassassem esse número seriam devolvidas ao Estado e seriam redistribuídas aos mais pobres. Uma comissão agrária composta por três membros faria o cadastramento. A reforma agrária não interessava aos patrícios proprietários de terras, que começaram a boicotar as propostas de Tibério Graco. Com o fim do mandato, o tribuno candidatou-se novamente – o que não era permitido por lei.

Mesmo com sua vitória na reeleição, sem o apoio dos camponeses presos à terra e da plebe urbana desinteressada, Tibério se tornou presa fácil dos inimigos. Cercado no Capitólio por senadores e membros do partido dos nobres, Tibério foi assassinado junto com trezentos partidários. A semente da revolta brotou novamente com Caio Graco, irmão de Tibério. Em 123 a.C., Caio Graco reivindicou melhores condições de vida para a plebe e conseguiu que o senado aprovasse a Lei Frumentária, que distribuía pão aos mais pobres.

Caio Graco pretendia radicalizar o movimento, conseguindo terras para a plebe. Os cavaleiros, que também eram proprietários, retiraram o apoio a Caio, impedindo a sua reeleição como tribuno. Tentando impor sua proposta pela força, o movimento foi reprimido e os principais discípulos de Caio, mortos. Caio pediu a um escravo que o matasse. O movimento dos plebeus, liderado pelos irmãos Graco, não alcançou seus objetivos.

Nessa crise, o proletariado romano, sustentado pelo Estado, relutou em apoiar o movimento. A aliança entre cavaleiros e patrícios era frágil, principalmente porque existia, entre eles, uma incansável luta pelo poder. Depois da morte dos irmãos Graco, a plebe, órfã de liderança política, aliou-se ao Partido Democrata, formado por comerciantes ricos que lutavam para tirar o poder dos patrícios. Os patrícios, por sua vez, mostraram-se totalmente incapazes de resolver os graves problemas que ameaçavam a continuidade da República de Roma.

TRIUNVIRATOS

Os generais vitoriosos em inúmeras batalhas alcançavam enorme popularidade e usavam seu prestígio para fazer carreira política. Com a perda de expressão política e econômica dos patrícios, desenvolveu-se um novo período de lutas, solucionado com um acordo entre as classes dominantes. Esse acordo permitiu a formação do primeiro triunvirato, em 60 a.C., composto por Crasso, cavaleiro rico, Pompeu, representante dos patrícios, e Caio Júlio César, político de origem nobre, mas com prestígio entre os pobres. As guerras que envolveram Roma demonstraram que a república dos patrícios chegava ao fim e que lhe surgiam novos instrumentos de poder, como a plebe urbana e o exército profissional.

O equilíbrio do primeiro triunvirato terminou com a morte de Crasso em batalha, em 53 a.C. O senado nomeou Pompeu para reprimir os grupos armados que espalhavam o terror em Roma, o senado nomeou Pompeu cônsul, com a missão de restabelecer a ordem.

Uma nova onda de lutas se desencadeou no alto comando de Roma, agora um império, tendo César como imperador. César comandou as tropas na conquista da Gália, e conquistou forte simpatia dos cavaleiros, assim como do proletariado protegido pela política do pão e circo. Auxiliado por suas tropas da Gália, César cruzou o rio Rubicão e invadiu a Itália. Após o assassinato de Pompeu, no Egito, César instaurou a ditadura. No papel de ditador, César limitou o poder do senado, acumulou cargos e restringiu a influência do patriciado. Com poder quase absoluto, iniciou amplas reformas, começando por impor a paz em todo império. Distribuiu terras aos soldados, obrigou os proprietários a empregar homens livres e reformou o calendário romano. Júlio César pretendia tornar seus poderes hereditários, o que significava o fim do senado e da república.

Isso foi suficiente para que, liderada por Cássio e Bruto, a aristocracia conspirasse. Aproveitando-se de uma visita de César ao senado, um grupo de senadores aristocratas o assassinou a punhaladas em 44 a.C.; Marco Antonio, general e amigo pessoal de César, insuflou o povo de Roma contra os conspiradores, que foram perseguidos e mortos. O senado entregou o poder a Caio Otávio, sobrinho e herdeiro legítimo de César. Foi formado o segundo triunvirato, com Marco Antônio, Caio Otávio e Lépido, Otávio ficou com as províncias da Sicília e da África; Marco Antônio, com a Gália Cisalpina; Lépido, com a Gália Harbonesa e Hispânia.

A PAX ROMANA

Marco Antônio se estabeleceu no Oriente. Essa atitude deu liberdade a Otávio que, depois de fortalecer sua posição em Roma, sob a alegação de que queria criar um Império Romano no Oriente, atacou Marco Antônio, derrotando-o na Batalha de Ácio. Perseguido pelos exércitos de Otávio, Marco Antônio terminou se suicidando. Com a vitória no Egito e a posse dos imensos tesouros faraônicos, Otávio acumulou uma fortuna que lhe permitiu formar um grande exército, composto de setenta legiões, e abastecer de trigo a plebe de Roma.

Ao assumir o Império, Otávio — passou a se chamar Otávio Augusto —, reforçou a base de poder, e passou a ter um papel mais importante que o do senado. Os antigos magistrados passaram a desempenhar funções puramente civis e o senado a ter apenas o controle administrativo de Roma. O exército estabeleceu armas em todas as províncias, passando também a cobrar impostos e impondo pela força a chamada Pax Romana.





Otávio Augusto estendeu os domínios de seu império aos países situados ao sul do rio Danúbio, delimitando novas fronteiras para a região setentrional. No Oriente, anexou a Galácia e a Judeia, estabelecendo também sua soberania sobre os armênios. Criou novos impostos sobre as heranças e sobre as vendas para aumentar a arrecadação do Estado. Também modificou a estrutura da sociedade. Em substituição ao critério de nascimento, que era usado até

então, introduziu uma escala econômica, pela qual os cidadãos teriam direitos políticos proporcionais aos bens.

Com a morte de Augusto (14 d.C.), a dinastia Júlio-Claudiana teve continuidade com Tibério, filho adotivo de Augusto e seu herdeiro. Calígula, seu sucessor, era um desequilibrado. Passou a perseguir senadores e tentou criar um estilo oriental de governo. Acabou assassinado por um de seus guardas em 41 d.C. Nero foi o último imperador da dinastia, depois de um início feliz de governo, foi obrigado a renunciar no meio de uma revolta popular (em 68 d.C.), acusado de haver provocado o grande incêndio de Roma. Com o fim da dinastia Júlio-Claudiana, três generais – Galba, Otão e Vitélio – assumiram provisoriamente o poder.

NOVA DINASTIA, NOVOS IMPERADORES

Vespasiano (68-79 d.C.), rico comerciante, originário da classe dos cavaleiros italianos e não da aristocracia romana, coroou-se imperador e fundou uma nova dinastia, a Flaviana. No auge do escravismo e da expansão romana, essa nova dinastia representava os senhores donos de escravos. Os imperadores dessa dinastia caracterizaram-se como administradores competentes, que melhoraram as condições gerais do Império. Em seu governo, Vespasiano restaurou a paz e as finanças; Tito (79-81 d.C.) foi ótimo governante, mas Domiciano (81-96 d.C.) quis governar como soberano absoluto e foi assassinado numa conspiração palaciana.

O período em que a dinastia dos Antoninos esteve no poder (96-192 d.C.) marcou o apogeu de Roma. O Império atingiu sua maior extensão territorial, conheceu grande prosperidade econômica, gozou de paz interna e foi administrado com eficiência. Entre os imperadores que mais se destacaram nesse período, são lembrados Trajano (98-117 d.C.), administrador competente e respeitador das instituições civis e do senado; Adriano (117-138 d.C.), pacifista que contribuiu para melhorar o direito romano, e Marco Aurélio (161-180 d.C.), que se destacou pelo grande espírito de justiça.

Com a morte de Cômodo (180-192 d.C.), teve fim a dinastia dos Antoninos. O Império de Roma entrou em gradativa crise e estagnação. Os Severos, substitutos dos Antoninos, procuraram dar um caráter ainda mais oriental ao Império, apoiados na burocracia e no exército. Duraram apenas quarenta anos.



A LENTA DECADÊNCIA DE ROMA

A partir do século II d.C., a economia de Roma, baseada no regime escravocrata começou a se ressentir da falta de trabalhadores escravos porque o longo período de paz afetou a oferta desses trabalhadores, cujo preço começou a subir muito. A produção dos grandes latifúndios começou a declinar e afetou o lucro dos proprietários, mergulhando a economia numa crise sem fim, com a redução progressiva do montante de impostos que o Estado romano arrecadava.

Com a crise financeira instalada e irreversível, Estado viu-se obrigado a abandonar o sustento da plebe urbana e a diminuir a um mínimo os gastos com a corte.

Os latifundiários passaram a ceder pedaços de terra para trabalhadores se sustentarem e pagarem os proprietários com uma parte da produção.

O sistema era auto-sustentável mas pouco produzia de excedente para o comércio, que entrou em declínio. Roma foi aos poucos deixando de ser o centro do Império.

Enquanto o império se enfraquecia, suas dificuldades aumentavam, com invasões dos povos bárbaros, germânicos e gauleses pelo ocidente, e persas, berberes e mauritânios pelo oriente. Às vésperas do século IV, o imperador Teodósio oficializou o cristianismo como a religião do império, e dividi-o em duas partes, o Império Romano do Ocidente, que ficou com seu filho Honório; e o Império Romano do Oriente, com a capital em Constantinopla, com seu outro filho, Arcádio, em 395 d.C.

O Império do Ocidente, depois de enfrentar e sofrer sucessivas invasões de povos bárbaros, foi finalmente destruído por Odoacro, rei dos hérulos, em 476 d.C., enquanto que, no outro lado do mundo, no Império Romano do Oriente, a civilização bizantina duraria mais de mil anos.



PARTE III
GRÉCIA ANTIGA
CULTURA, ARTE,
ARQUITETURA

NA BUSCA DA PERFEIÇÃO, A ARTE GREGA
LIGA-SE À INTELIGÊNCIA, AO GOZO DA VIDA
PRESENTE. NA SUA BUSCA PELA PERFEIÇÃO,
O ARTISTA GREGO CRIOU UMA ARTE
DE ELABORAÇÃO INTELECTUAL EM QUE
PREDOMINAM O RITMO, O EQUILÍBRIO,
A HARMONIA IDEAL. ELES TÊM COMO
CARACTERÍSTICAS O RACIONALISMO, O
AMOR PELA BELEZA E O INTERESSE PELO
HOMEM.





Entende-se por “arte grega” a arte dos povos que falavam o grego, do século XI ao século I a.C. Essa definição exclui a arte micênica, o que pode ser justificável do ponto de vista estritamente estilístico, mas não do histórico, já que os micênicos, reconhecidamente, eram gregos e criaram as primeiras obras da arte gregas. Tinham forte influência minoica, mas, bem cedo, os artistas adaptaram o estilo minoico ao estilo mais pesado e formal apreciado pelos chefes micênicos. Após a destruição dos palácios micênicos, seguiram-se séculos de pobreza cultural, com exceção da pintura geométrica na cerâmica ateniense.

O CLÁSSICO

O termo “arte clássica” só surgiu no século XVII, em referência à Grécia Antiga, sobretudo à arte e à arquitetura gregas. Mas, pode-se dizer que tudo começou em Atenas, por volta do ano de 330, quando o político Licurgo convenceu a Assembleia a copiar e manter em arquivos públicos, os textos de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, mortos há muito tempo. Dessa forma, os textos desses dramaturgos acabaram por ter influência sobre milhares de gerações, da Antiguidade até os tempos modernos, e os textos gregos foram intitulados “clássicos”.

INFLUÊNCIAS E PERÍODOS

Os séculos V e IV a. C. marcaram o apogeu da arte grega, e foram os critérios ideais de beleza estabelecidos nesse período que serviram de base para toda a arte ocidental. Imitada pelos romanos durante toda a Antiguidade e em nossa era pelos artistas do Renascimento e do Neoclassicismo, a arte grega continua até hoje a influenciar os vários estilos da arquitetura, pintura e escultura modernas.

Podem-se distinguir quatro grandes períodos na evolução da arte grega: o geométrico (séculos IX e VII a.C.), o arcaico (VII e VI a.C.), o clássico (V e IV a.C.) e o helenístico (do século III ao I a.C.).

No chamado período geométrico, a arte se restringiu à decoração de variados utensílios e ânforas. Esses objetos eram pintados com motivos circulares e semicirculares, dispostos simetricamente. A técnica aplicada nesse trabalho foi herdada das culturas cretense e micênica. Passado muito tempo, a partir do século VII a.C., durante o denominado período arcaico, a arquitetura e a escultura experimentaram um notável desenvolvimento graças à influência dessas e outras culturas mediterrâneas.





Entre os séculos V e IV a.C., a arte grega consolidou suas formas definitivas. Na escultura, somou-se ao naturalismo e à proporção das figuras o conceito de dinamismo refletido nas estátuas de atletas como o Discóbolo de Miron e o Doríforo de Policleto. Na arquitetura, em contrapartida, o aperfeiçoamento da óptica (perspectiva) e a fusão equilibrada do estilo jônico e dórico trouxeram como resultado o Partenon de Atenas, modelo clássico por excelência da arquitetura dessa época.

No século III a.C., durante o período helenístico, a cultura grega se difunde, principalmente graças às conquistas e expansão de Alexandre Magno, por toda a bacia do Mediterrâneo e Ásia Menor.

A PINTURA

A pintura grega encontra-se na arte cerâmica. Os vasos gregos são conhecidos pelo equilíbrio de sua forma e pela harmonia entre o desenho, as cores e o espaço utilizado para a ornamentação. Além de servir para rituais religiosos, esses vasos eram usados para armazenar água, vinho, azeite e mantimentos. Por isso, a sua forma correspondia à função para que eram destinados.

A chamada ânfora, por exemplo, era uma vasilha em forma de coração, com o gargalo largo ornado com duas asas. A hidra tinha três asas: uma

vertical, para segurar enquanto corria a água, e duas para levantar. Já a cratera – outro exemplar significativo de vaso grego – tinha a boca muito larga, com o corpo em forma de um sino invertido, e servia para misturar água e vinho (o vinho nunca era tomado puro).

As pinturas dos vasos representavam pessoas em suas atividades diárias e cenas da mitologia. O maior pintor de figuras negras foi Exéquias. A pintura grega se divide em três grupos: figuras negras sobre o fundo vermelho; figuras vermelhas sobre o fundo negro e figuras vermelhas sobre o fundo branco. Cada uma dessas técnicas foi criada e, posteriormente, incorporada pelo Ocidente.

PINTURAS FAMOSAS

A Colunata Pintada de Atenas foi decorada por três pintores famosos: Mícon, Paneno e Polignoto. Os assuntos retratados na Colunata – a queda de Troia, a luta entre gregos e amazonas e a Batalha de Maratona – simbolizam os temas retratados nessas obras. Pinturas como a Colunata ou da Pinacoteca do Propileu, na Acrópole, foram executadas em painéis de madeira pintados de branco, que eram presos a uma moldura e fixados com pinos. No entanto, nenhum desses painéis sobreviveu ao tempo.





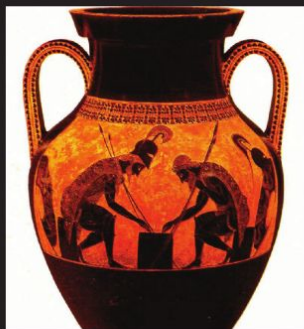
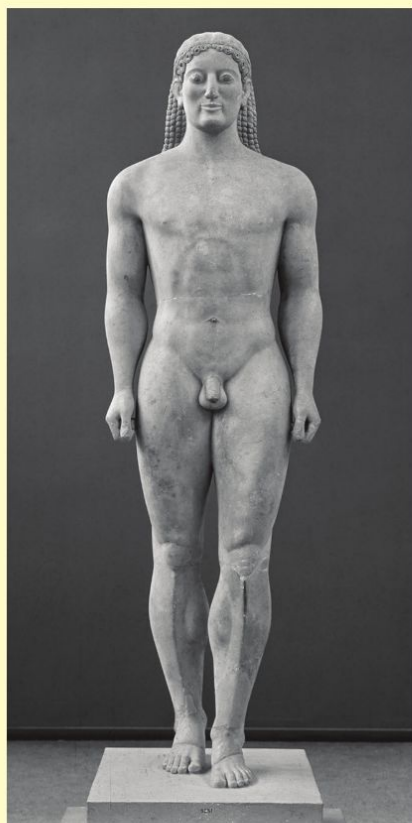
A ESTATUÁRIA

A estatuária grega representa os mais altos padrões já atingidos; na escultura, o antropomorfismo – esculturas de formas humanas – foi insuperável. As estátuas adquiriram, além do equilíbrio e perfeição das formas, o movimento.

No período arcaico, os gregos começaram a esculpir figuras de homens em mármore, primeiramente, apareceram esculturas simétricas, em rigorosa posição frontal, com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as duas pernas. Esse tipo de estátua é chamado kouros (palavra grega que significa homem jovem); as kourois

foram produzidas desde o final do século VII a.C. até o início do século V a.C., são retratos idealizados de indivíduos masculinos no auge da juventude, e representavam um ideal de beleza. Nos santuários, havia esculturas masculinas, chamadas kouroi, e femininas, as korai.

Depois das pedras duras, os escultores passaram a esculpir pequenas estátuas com características orientais, em materiais mais macios, como terracota e marfim, a partir do século VIII a.C. Estatuetas de guerreiros e animais deram lugar às figuras de animais e humanas, em bronze. Quando os gregos desenvolveram instrumentos capazes de trabalhar melhor o mármore, esse material nunca mais deixou de ser usado. O mármore permite uma escultura mais refinada e então a estatuária grega se desenvolveu de forma acelerada.



A CERÂMICA

Os ceramistas e pintores de vasos usavam materiais baratos e há indícios de que as oficinas de cerâmica eram formadas por famílias, as cenas pintadas representavam o cotidiano, além de rituais religiosos, cenas de coleta, de dança, de atletismo, de casamentos e outras atividades diárias. Muitas vezes, as duas atividades, a cerâmica e a pintura em cerâmica eram feitas pelas mesmas pessoas.

PRAXÍTELES

Um dos mais famosos escultores gregos foi Praxíteles, que até hoje permanece uma figura obscura. Até a sua origem é incerta e existe a hipótese de que tenha havido um Praxíteles mais jovem, filho ou neto do escultor famoso.

Atribui-se a ele a reintrodução do uso do mármore e a introdução do nu feminino na escultura de tamanho natural. Como modelo da sua famosa obra Afrodite de Cnido, ele usou sua amante, Fríncia.



CLASSICISMO

No período clássico passou-se a procurar movimento nas estátuas. Para atingir tal objetivo, começou a se usar o bronze, que era mais resistente do que o mármore, podendo fixar o movimento sem se quebrar. Surge também o nu feminino, pois, no período arcaico, as figuras de mulher eram esculpidas sempre vestidas.

Já no período helenístico, podemos observar o crescente naturalismo: os seres humanos não eram representados apenas de acordo com a idade e a personalidade, mas também segundo as emoções e o estado de espírito de um momento. Os principais mestres da escultura clássica grega são: Praxíteles, Policleto e Fídias, autor de Zeus Olímpico, sua obra-prima, e Ateneia.

No final do século VIII a.C., a cidade de Corinto testemunhou a invenção de uma técnica de pintura em vasos conhecida como figura negra. Nela, a silhueta usada no período geométrico foi avivada pela incisão de tinta vermelha e tinta branca.

Os coríntios rapidamente souberam aproveitar a nova técnica, entendendo que as figuras poderiam se sobrepôr e que os traços individuais poderiam ser definidos. Além disso, a cor produziria uma cena mais viva, dando uma beleza superior aos vasos pintados.





A CHEGADA DE ROMA

Deve-se principalmente aos romanos e ao seu império a preservação do helenismo, ou seja, dos valores e criações gregas; isso se deu de forma violenta: os romanos adotaram a cultura grega através da brutalidade física e da pilhagem e os gregos, na verdade, não tinham a menor vontade de se tornarem súditos imperiais romanos.

Um dos meios de os romanos se apropriarem da cultura grega foi apoderar-se dos artefatos produzidos no país e levá-los para Roma. Um dos imperadores romanos que mais devoção tinha pela civilização grega – e por tudo criado por ela ao longo dos séculos – foi Adriano.

Os conquistadores romanos valorizavam especialmente as estátuas gregas e as roubavam sem cerimônias. Entretanto, a maioria das estátuas sobreviventes

não é original, em bronze, mas sim cópias romanas, feitas em mármore.

Alguns originais, porém, chegaram aos nossos dias. É o caso de duas estátuas de bronze de tamanho maior do que o natural, de meados do século V a.C., pescadas no fundo do mar na segunda metade do século XX na Calábria, de um navio que as carregava da Grécia para Roma e que naufragou no meio do caminho.

LITERATURA E TEATRO

Outro aspecto da arte grega, apreciada pelos romanos, era a literatura. Eles chegaram a produzir suas próprias versões de muitas obras gregas. Em relação ao teatro, porém, os romanos custaram a conseguir produzi-lo, apesar de admirarem muito essa produção artística. Uma demonstração clara da desconfiança de Roma em relação à cultura teatral grega foi o fato de um teatro permanente, de pedra, só ter sido construído em Roma em meados do século I a.C.



O RENASCIMENTO

O movimento chamado Renascença – ou Renascimento – tomou conta da Europa nos séculos XV e XVI e teve como uma das suas características a revalorização dos traços gregos na arte e na arquitetura.

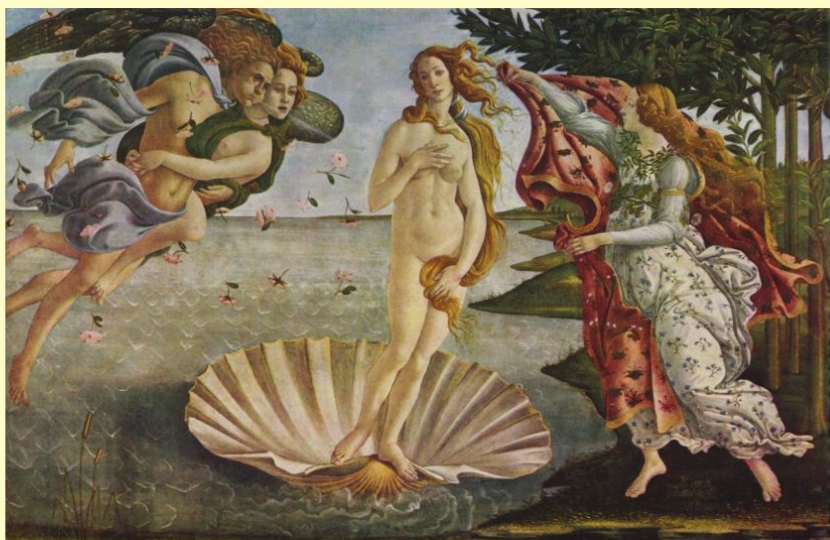
O Renascimento foi impulsionado pelas viagens do mercador italiano Ciriaco de Ancona, que passou parte do século XV percorrendo a Itália, a Grécia e o leste do Mediterrâneo. Seus desenhos das antiguidades gregas e suas cópias de inscrições gregas forneceram ao Renascimento um vislumbre significativo da cultura material dos antigos gregos.

CONSTANTINOPLA

Quando o Império Romano começou a ruir e foi dividido em dois, a capital da parte oriental passou a ser Constantinopla, no século IV, e Roma definiu. Depois, em 476, com a queda definitiva do Império Romano do Ocidente, e em 1453, com a conquista do império bizantino (o Império Romano no Oriente) pelos turcos otomanos, surgiu uma barreira cultural entre Oriente e Ocidente. A Grécia ficou do lado do Oriente, até que seus valores e obras fossem redescobertos pelos europeus, durante o Renascimento, movimento artístico que deu ao mundo grandes ícones, como Michelangelo e Leonardo da Vinci.

O LEGADO DAS ARTES GREGAS

As formas e criações gregas foram tão marcantes para o Ocidente que se chegou a criar o termo *classicismo*, que se refere às obras da Antiguidade. Ou seja, nada do que veio depois, de certa forma, conseguiu superar o talento dos artistas e arquitetos da Grécia Antiga — o que veio depois, de certa forma, não conseguiu superar seu talento. Aquilo que foi criado e inventado na Grécia Antiga chegou até nós na forma de arquitetura, escultura e arte em geral, atravessando os séculos, e se mantendo atual e admirado.





RÉPLICAS

A influência da arquitetura grega foi de tal ordem que, séculos depois, profissionais das mais variadas partes do mundo se dispuseram a reproduzir ícones da Acrópole. Em Nashville, Tennessee, nos Estados Unidos, por exemplo, há uma réplica do Partenon de Atenas.

Em Barcelona, na Espanha, também se construiu o Teatro Nacional, concebido segundo os valores neoclássicos. A validade desse tipo de construção é muito questionada pelos artistas contemporâneos e pelos especialistas em arte, que o consideram “inadequado” e não condizente com os valores gregos.



PARTE IV

A CIVILIZAÇÃO ASTECA ORIGENS E EXPANSÃO

OS ASTECAS DOMINARAM BOA PARTE TERRITORIAL DO QUE HOJE CONHECEMOS COMO MÉXICO, ATÉ O SÉCULO XV, QUANDO OS CONQUISTADORES ESPANHÓIS AVANÇARAM NA DIREÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO NOVO CONTINENTE E O IMPÉRIO ASTECA FOI DESTRUÍDO ENTRE 1519 E 1521, PELO LÍDER ESPANHOL HERNÁN CORTÉS, SEUS SOLDADOS E ALIADOS, QUANDO O POVO ASTECA ESTAVA SOB O REINADO DE MONTEZUMA II.





Cristóvão Colombo ao descobrir a América, em 1492, o continente era habitado por povos chamados de pré-colombianos, que apresentavam diferentes estágios de civilização, de desenvolvimento cultural e material.

Destacaram-se entre eles os astecas, no México e na América Central, junto com os maias (além dos incas na Cordilheira dos Andes, na América do Sul). Esses povos alcançaram notáveis conhecimentos de astronomia e matemática, dominavam técnicas complexas de construção, metalurgia e cerâmica, e técnicas sofisticadas de agricultura, sem que, até hoje se saiba como adquiriam tais níveis de conhecimento. O fim da cultura asteca se deu no processo implacável e predatório dos conquistadores espanhóis, e a complexa e intrigante história dos astecas permanece como uma das mais fascinantes civilizações da Antiguidade.

O vasto e altamente organizado império asteca remonta historicamente aos séculos X e XI da era cristã, quando povos primitivos começaram a se concentrar na região central do que hoje é o México, ao redor do lago Texcoco, numa área pantanosa do lado oeste do lago. Mesmo situados numa região adversa, os astecas foram capazes de consolidar um império poderoso em apenas dois séculos. Uma lenda conta que uma civilização grandiosa nasceria em uma zona de pântano, onde teria sido avistado um cacto sobre uma rocha e sobre a qual uma águia devorava uma serpente. Como reflexo dessa lenda, esse é o símbolo oficial do México, estampado em cédulas e moedas, e lugares públicos.

Da lenda mitológica até o florescimento da civilização asteca, muito se avançou em relação à sua organização social, cultural e política, com o estabelecimento de organizações civis e militares bastante sofisticadas. Um dos marcos de sua história aconteceu em 1325, quando fundaram a cidade de Tenochtitlán, situada exatamente onde se encontra, hoje, a Cidade do México.

Engenhosamente, os astecas transformaram o leito do lago, que era pouco profundo, em áreas muito férteis, construíram pontes para conectar sua principal vila com terra firme. Ergueram aquedutos e escavaram canais para o transporte de mercadorias e pessoas. Depois, construíram também templos religiosos – pirâmides gigantes que dominavam a vasta paisagem. A cidade floresceu como resultado de sua localização e do alto grau de organização. Na época em que os espanhóis, capitaneados por Hernán Cortés, começaram a conquista da região, o grande mercado de Tlatelolco atraía aproximadamente 60 mil pessoas diariamente. As mercadorias chegavam aos astecas graças a acordos sobre tributos estabelecidos com os territórios conquistados.





Em 1428, os astecas formaram uma federação dos reinos de Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopán, dominada por um soberano que ocupou gradualmente as regiões vizinhas submetendo, até o início do séc. XVI, quase toda a região do México central. Extremamente próspero e altamente hierarquizado, esse Estado se tornou uma monarquia aristocrática dominada pela religião. Durante o seu domínio, os astecas se fortaleceram ao estabelecer alianças militares com outros grupos. Assim, eles construíram um império que se estendia da região do México central até a atual fronteira com a Guatemala.

No princípio do século XV, os astecas governavam as cidades-estados de Texcoco e Tlacopán. Em um período de cem anos, eles alcançaram o poder total e, embora as demais cidades-Estado continuassem a se chamar de reinos, a denominação, na verdade, era puramente simbólica. Ao final do reinado de Montezuma II, os astecas já haviam estabelecido 38 províncias tributárias no império.

CONFLITOS INTERNOS

Conflitos internos do império facilitaram sua derrota frente a Cortés, já que muitos povos, inimigos dos astecas, se aliaram aos conquistadores espanhóis na tentativa de vencer os eternos senhores.

Montezuma, ingenuamente, recebeu Hernán Cortés com cortesia, segundo algumas teorias, por confundi-lo com o deus Quetzalcóatl, que pela lenda regressaria, conforme previsões dos sábios e sacerdotes; estes tinham elaborado um detalhado calendário religioso que previa a visita de Quetzalcóatl; antes que pudessem reagir, os espanhóis começaram os saques e a depredação, com a ajuda de missionários religiosos, que destruíram totalmente a civilização asteca.





A SOCIEDADE ASTECA

Entre os astecas, a célula da sociedade era o clã, formado por pessoas de uma mesma linhagem e governado por um ancião. Os astecas possuíam divindades particulares, formação militar e a terra era considerada como domínio estatal, do qual os indivíduos tinham usufruto, devendo pagar tributos e prestar serviços à nobreza e ao soberano.

A autoridade política, militar e religiosa centralizava-se nas mãos de um chefe supremo, sempre escolhido de uma mesma linhagem. A centralização era marcada por uma rede de estradas muito bem desenvolvida. No auge do processo de civilização, cresceu consideravelmente a divisão entre nobreza e o povo, formando-se grupos sociais novos e privilegiados, como os funcionários públicos, os artesãos e os mercadores. Abaixo deles vinham os cidadãos livres que pagavam tributos e os camponeses que

tinham direito a arrendar terras para o trabalho. Era uma sociedade escravocrata, a condição de escravo entre os astecas era similar ao de um criado contratado; os filhos dos mais pobres podiam ser vendidos como escravos.

PODERES NOBRES E SOBERANOS

No topo dessa hierarquia social e econômica estava o soberano, assistido por um primeiro-ministro – que era, ao mesmo tempo, juiz supremo e comandante do exército – e por quatro conselheiros eleitos com o soberano. A nobreza asteca não era uma casta inteiramente fechada, sendo possível a elevação à condição de nobreza os indivíduos que se distinguiram em façanhas guerreiras.

O soberano possuía poder ilimitado, em relação às pessoas e todas as coisas. Junto a ele, os guerreiros e sacerdotes formavam o grupo social de maior poder. Os guerreiros eram o principal apoio do imperador, o que permitiu a criação de um império militarizado e muito forte, porém, isolado politicamente.

Na civilização asteca, também existiam grupos sociais intermediários. Havia os comerciantes enriquecidos que conseguiam ascender socialmente trocando suas riquezas por prestígio.



EDUCAÇÃO OBRIGATÓRIA

No império asteca, a educação era obrigatória. As meninas eram educadas pelas suas mães em casa para realizar as tarefas do lar. Somente as filhas da nobreza podiam frequentar uma espécie de monastério onde viviam até o momento do matrimônio. Para os meninos havia dois tipos de escolas: *telpochcalli* e *calmecac*. Na primeira, estudava-se na escola, mas ia-se dormir em casa. O segundo modelo funcionava como internato, praticamente reservado aos nobres. A essência da religião era muito importante, mas também se aprendia escrita, leitura, história e música.

HÁBITOS ALIMENTARES

Dentre os alimentos mais populares da cozinha da aristocracia asteca estavam o milho, o feijão, o tomate e o chocolate, além de aves (perus), cães e coelhos, criados para abate. Nenhum desses alimentos era conhecido dos europeus antes da conquista do império asteca. Em menor escala, os astecas também comiam peixes e rãs, abundantes no lago Texcoco, e aves aquáticas do mesmo lago.

Havia vários tipos de pimenta, assim como o tomate, ambos usados como tempero. Suas principais culturas eram o milho, feijão, melões, baunilha, pimentas, abóboras, entre outros.

Os perus, além da carne, ofereciam as penas utilizadas como plumas para que usassem como ornamento. Os astecas se alimentavam também de carne e ovos, além de frutas diversas.

O cidadão comum asteca tinha sua alimentação baseada em bolos de milho e feijão, temperados com pimenta e tomate, e frutas, sendo que poucas vezes consumiam carne ou outro tipo de alimento por serem caros





AS LEIS

As leis astecas eram muito severas. Como em outras culturas antigas, os castigos eram diferentes, segundo fosse o delito de quem o cometia. Geralmente, o castigo era mais duro se quem cometia o delito era um funcionário ou nobre importante. Havia a pena de morte para os delitos de assassinato, traição, aborto, incesto, violação, roubo com agressão e adultério. No último caso, se procedia a lapidação, embora a mulher fosse estrangulada previamente. Os guerreiros podiam escapar da pena de morte aceitando um destino permanente na zona fronteiriça.

A embriaguez era considerada delito. Só era permitida em algumas circunstâncias especiais, para os anciãos ou guerreiros profissionais. As leis regiam até mesmo a vida sexual do povo asteca. Só eram permitidas duas formas de relações sexuais — as que ocorriam dentro do casamento, e as que os guerreiros solteiros tinham com sacerdotisas dedicadas à prostituição ritualística.

A METALURGIA

A metalurgia do ouro, da prata, do cobre e do estanho também era muito desenvolvida, mas o ferro não era conhecido. Os tributos em espécie, pagos pelas 35 províncias, forneciam grandes riquezas que eram acumuladas nos armazéns reais.



DEUSES E SACRIFÍCIOS

Na religião asteca, vários deuses regiam a vida diária: Huitzilopochtli, considerado a divindade do Sol, e Coyolxahuqui, a deusa da Lua, que, segundo a mitologia asteca, era assassinada pelo irmão, Deus-Sol; Coatlicue, a deusa da terra, Huitzilopochtli, deus da guerra. Outro era Ipalnemoani, a força suprema. Existia ainda Tláloc, a divindade da chuva, e Quetzalcóatl, inventor da escrita e do calendário, associado com o planeta Vênus e sua ressurreição.

Tinha-se também Tlazoltéotl, deusa do prazer, da voluptuosidade, da fecundidade e da fertilidade. Protegia as parturientes, as parteiras, aos feiticeiros relacionados com o mundo amoroso e aos homens de intensa atividade sexual. Cada aspecto da vida sexual dos astecas estava associado a um deus diferente. Assim, Xochipilli era o deus das flores, do amor, da fertilidade e das relações sexuais ilícitas.

Cada fenômeno atmosférico também era associado a um Deus – havia Tláloc, das chuvas, Quetzalcóatl Ehecatl, dos ventos. Segundo os astecas, só se vivia uma vez, e a vida está cheia tanto de sofrimento quanto de alegria e a única maneira de perdurar após a morte era alcançar a fama, ainda que esta mesma fama desapareça quando morrem os que recordam o defunto.

Os sacrifícios praticados pelos astecas, tanto humanos quanto de animais, eram parte integrante de sua religião. Para os guerreiros, a honra máxima consistia em cair na batalha e se oferecer como voluntário para o sacrifício em cerimônias importantes. Segundo sua tradição, as mulheres que morriam no parto compartilhavam a honra dos guerreiros. Também se realizam guerras com o fim de fazer prisioneiros para o sacrifício.

O sentido da oferenda de sangue humano – e, em menor medida, de animais – era alimentar as divindades para assegurar a continuidade de sua aparição todos os dias e com ela a permanência da vida humana, animal e vegetal sobre a terra.

UMA CERIMÔNIA

Para impedir que o mundo fosse destruído, que os astecas acreditavam que pudesse acontecer a cada 52 anos, eles faziam uma cerimônia chamada de Fogo Novo: em todas as casas, apagava-se o fogo e se quebrava toda a louça. Enquanto isso, os sacerdotes escolhiam um prisioneiro para ser sacrificado e o conduziam até o topo do monte Uixachtecatl.

Lá, o prisioneiro era sacrificado, tendo seu peito aberto por uma faca de sílex. Depois, um dos sacerdotes pressionava uma tocha acesa contra o peito aberto do indivíduo e quando o fogo da tocha se apagava, era considerado aceso o Fogo Novo.

Para festejar, cada família reacendia seu fogo e comprava louças novas, enquanto que o soberano realizava alguma obra (geralmente a ampliação do Grande Templo) como forma de expressar sua gratidão aos deuses por mais 52 anos de existência.



ASTRONOMIA, METEOROLOGIA, CALENDÁRIO

A intensa observação do céu permitiu a eles também desenvolver conhecimentos de meteorologia e assim prever o tempo frio e estabelecer as características dos ventos dominantes.

Astronomia era uma das ciências de mais tradição para os astecas. Graças a suas observações determinaram com precisão as revoluções do Sol, da Lua, de Vênus e, talvez, de Marte. Agruparam as estrelas em constelações – que não coincidem com as nossas. Conheceram a existência dos cometas, a frequência dos eclipses do Sol e da Lua, e puderam criar um calendário complexo.

IDIOMA E CALENDÁRIO

Os astecas falavam um idioma chamado náhuatl. Sua escrita mesclava sinais como pictogramas, ideogramas e signos fonéticos. Em seus escritos estavam refletidos sua história, geografia, economia e religião. Alguns códigos se mantiveram até os dias atuais. Os astecas utilizavam a escrita pictográfica gravada em papiro ou pele de animais. Até hoje se conservam alguns desses escritos, chamados códices.

O conhecimento astrológico pela observação permitiu que os astecas utilizassem um sistema de calendário com 365 dias, divididos em 18 meses de 20 dias, aos que se somavam cinco dias nulos, que eles acreditavam atrair má sorte. Usavam igualmente 260 dias – 20 meses de 13 dias – que aplicavam exclusivamente para adivinhações.

ARQUITETURA, PIRÂMIDES, TEMPLOS

Exímios arquitetos, os astecas construíram pirâmides escalonadas em Cholula, Xochicalco e Teotihuacán. Os astecas também foram hábeis escultores. Realizam esculturas de todos os tamanhos, diminutas e colossais, e nelas aplicavam temas religiosos ou da natureza. Captavam a essência do que queriam representar e logo realizavam suas obras com todo detalhe.

A maior parte do que sabemos sobre a arquitetura asteca remete a relatos dos conquistadores espanhóis, já que Tenochtitlán foi inteiramente destruída em 1521. No entanto, sabe-se que a técnica de construção asteca era diferente da de Teotihuacán, uma vez que, naquela cidade, os templos eram construídos de uma só vez, enquanto que em Tenochtitlán, os astecas iam ampliando os templos à medida que sua tecnologia permitia. Assim, a grande pirâmide de Tenochtitlán havia antes sido um pequeno templo que cresceu com as sucessivas ampliações (cinco, no total); cada ampliação ocorria de acordo a crença religiosa de que o mundo acabaria a cada 52 anos.



CIVILIZAÇÕES ANTIGAS



Os palácios astecas eram semelhantes aos de outras culturas mesoamericanas. Ou seja, constituíam-se grandes estruturas de pedra, divididas em vários cômodos muito grandes dentre os quais se contavam além de quartos e salas, zoológicos (com animais raros) e inúmeros jardins, com fontes e até lagos.

Os 20 km² da cidade de Teotihuacán são considerados a obra-prima dos astecas, um povo hábil em obras monumentais. No legado dessa civilização singular, destacam-se as Pirâmides do Sol e da Lua.

Desde a sua construção, no século II a.C., Teotihuacán esteve envolta em uma aura divina. Situada em um vale cercado de montanhas e sobre uma rede de cavernas subterrâneas, Teotihuacán, ou “lugar dos Deuses”, era considerada o berço do Sol, da Lua e do próprio tempo.

O século XIII da era atual marcou o apogeu de Teotihuacán, que abrigou mais de mil pessoas. As ruas largas seguiam um traçado tão rígido que foi preciso desviar o curso de um rio para que não interferisse no paralelismo das vias. Além de templos, edifícios administrativos e prédios residenciais, Teotihuacán contava também com dois locais para reuniões – A Cidade e o Grande Conjunto — e foi destruída por um grande incêndio cujas causas não foram determinadas. Montezuma II, o último imperador asteca costumava peregrinar desde a capital do império, Tenochtitlán, até as ruínas de Teotihuacán, distante cerca de 50 km.

ESCULTURAS E CIRCO

As esculturas de grande tamanho representavam deuses e reis. As de pequeno porte eram reservadas para a representação de animais e objetos comuns. Usou-se pedra e madeira e, em ocasiões se enriqueciam com pintura de colares ou incrustações de pedras preciosas.

O uso da cor era fundamental. Tratava-se de uma cor plana, sem matizes, nem sombras, e possivelmente com conotações simbólicas. Aparece ligada à arquitetura, decorando os edifícios.

Assim como os romanos, os povos astecas também tinham uma espécie de circo em Tenochtitlán, sua grande metrópole. Era uma arena grande onde se praticava um esporte, chamado *tlachtli*, que era jogado com uma bola de borracha pesada, e tão dura, que podia até provocar fraturas.



PARTE V
A MISTERIOSA
CIVILIZAÇÃO
MAIA

TALVEZ A MAIS MISTERIOSA DAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS DO MUNDO OCIDENTAL, OS MAIAS, CHAMADOS “GREGOS DA AMÉRICA” HABITARAM O TERRITÓRIO QUE HOJE COMPREENDE PARTE DO MÉXICO, GUATEMALA, HONDURAS E EL SALVADOR. SEU AUGE SE DEU NO PERÍODO DE 600 A 900 D.C. E DECLÍNIO E DESAPARECIMENTO ACONTECEU NO DECORRER DO SÉCULO XVI.



Igual como aconteceu na Grécia Antiga, os maias se organizaram em cidades independentes umas das outras, e jamais constituiu um império; foi a mais antiga civilização pré-colombiana; tiveram uma sociedade rígida semelhante aos moldes de outros povos de sua época, em outros continentes – África, Ásia e Europa. A base social da civilização maia era a massa composta por escravos que formaram a mão de obra para a construção de suas colossais pirâmides. As cidades maias possuíam sistema hidráulico e de esgoto e ainda desenvolveram um sistema de escrita que legou à humanidade livros de medicina, botânica, história, matemática e astronomia.

O MUNDO MAIA

A civilização maia tem sua origem presumida por volta do quinto milênio a.C., ou seja, há aproximadamente sete mil anos — ou, para outros pesquisadores, a civilização maia se formou há três mil anos a.C. O povo maia ocupava um vasto território de aproximadamente quinhentos mil quilômetros quadrados, ao sul do México, Guatemala e a norte de Belize. Hoje, essa área corresponde a cinco estados mexicanos: Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco e Yucatan; e a quatro países da América Central: Belize, El Salvador, Guatemala e Honduras.

Nessa zona se encontram sítios arqueológicos, cidades coloniais, comunidades indígenas, reservas ecológicas, parques nacionais, tudo o que se refere ao “mundo maia”.

A FANTÁSTICA DESCOBERTA

Quando chegaram à região do atual México no ano de 1519, os conquistadores espanhóis se espantaram com a fantástica descoberta que fizeram quando tomaram contato com os maias. Mais do que isso, confirmaram uma das muitas histórias sobre cidades desconhecidas espetaculares que alimentavam a imaginação e os sonhos dos europeus. Só não esperavam que as civilizações encontradas ali superarão o que a mente humana havia idealizado em livros.

Os espanhóis se depararam com riquíssimas cidades que fizeram parte de duas civilizações: os maias e os astecas. Embora não se saiba ao certo qual é a sua origem, descobertas arqueológicas indicam o desenvolvimento de uma das mais notáveis civilizações do Novo Mundo, com uma arquitetura, escultura e cerâmica bastante elaboradas.

PERÍODOS HISTÓRICOS

Um século depois da chegada dos invasores espanhóis, em 1519, os ideogramas da escrita maia foram decifrados e foi possível reconstituir parcialmente sua história que

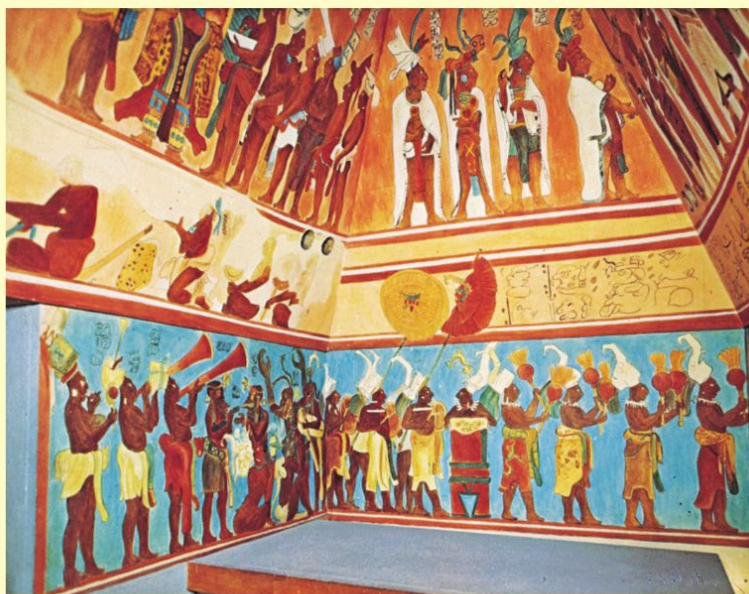


pode ser dividida em três períodos: o pré-clássico (1000 a.C. a 317 d.C.); o clássico ou Antigo Império (317 a 889); e o pós-clássico ou Novo Império (também conhecido por “renascimento maia”, até 1697). Dos tempos da idade pré-clássica quase nada se conhece. Vestígios, no entanto, indicam que já existia uma estrutura religiosa e social, com uma classe sacerdotal especializada em matemática e astronomia. Provavelmente, foi nessa época que se criou o calendário maia.

Na idade pré-clássica os maias viviam como agricultores, eles fabricavam cerâmica, que serviam de ornamentação de cordões, usavam pedras de moer, o que indica a cultura do milho. Suas comunidades se agrupavam em aldeias chamadas de Kaminaljuyú.

O chamado período clássico existiu entre 250 e 950 d.C. e corresponde ao florescimento de sua cultura e de sua religiosidade. Nessa época, foram construídos os grandes centros cerimoniais, como Tical, Uaxactum e Seibal, Copán, Palenque, Uxmal, Bonampak e Chichén-Itzá; as grandes metrópoles religiosas, então, eram formadas por construções em forma de edifícios típicos, templos construídos sobre uma plataforma piramidal, cobertos por uma espécie de abóbada em balanço e encimados por uma crista com cumeeira.

Os palácios maias funcionavam essencialmente como residência ou local de reunião. Eram dotados de numerosas galerias, cuja disposição aparecia em grupos distintos ligados por calçadas elevadas – construídas em torno de amplas praças. Havia também nessa paisagem arquitetônica um conjunto monumental monolítico, composto de um altar com estela ornada por uma decoração esculpida. Uma vez que os maias nunca reunidos sob hegemonia de um poder central, cada centro conservou um estilo individual. Divididos linguisticamente e espalhados sobre um enorme território, apresentam, no entanto, uma notável homogeneidade na escrita, no sistema de calendário, nas artes plásticas e no simbolismo religioso.



ORGANIZAÇÃO SOCIAL

As cidades constituíam a base da organização político-religiosa, na qual o governo era teocrático. Apenas a família real, os governantes e os servidores de Estado, como sacerdotes e cobradores de impostos, habitavam a zona urbana. Os agricultores e trabalhadores braçais faziam parte das camadas subalternas.

Cada cidade-estado maia era governada por um chefe chamado de halch uinic, que era assistido por um conselho que incluía os principais chefes e sacerdotes. Dentre os chefes, se destacavam o Batab, o civil, e o Nacom, o militar.

Pode-se dizer que a organização social dos maias era avançada tanto quanto as importantes civilizações de seu tempo. A elite era constituída por nobres e

sacerdotes que viviam na cidade, considerada centro religioso. Nas cercanias viviam os camponeses e artesãos. A mulher, nesse contexto, ocupava posição importante na vida social.

AGRICULTURA

Como fonte de subsistência e até de sua economia, os maias praticavam basicamente a agricultura. Suas plantações incluíam três espécies de milho, algodão, tomate e cacau; cultivavam também feijão, abóbora, vários tipos de batatas, mamão e abacate. Nesse processo, desenvolvem avançadas técnicas de irrigação e realizam trocas comerciais.

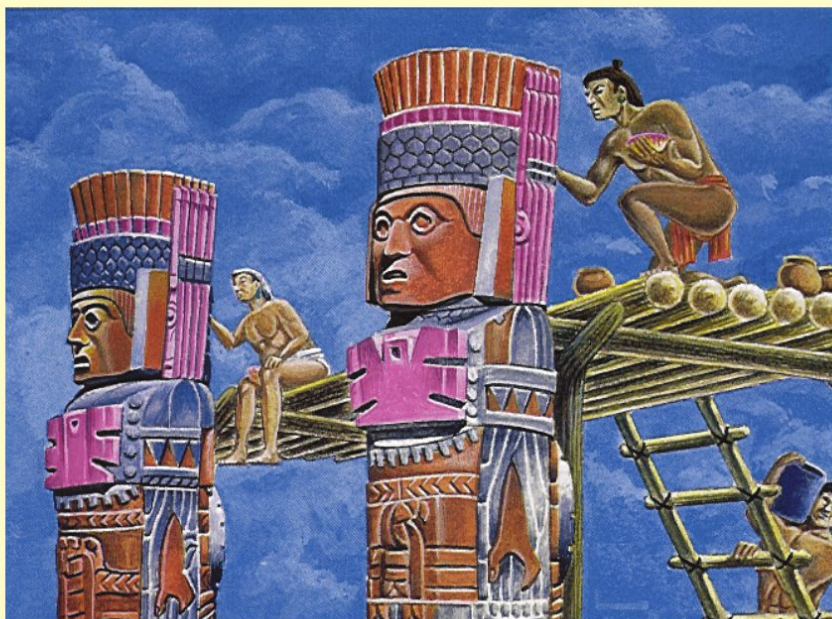
Os maias domesticaram o peru e a abelha, que serviam para enriquecer sua dieta, à qual somavam também a caça e a pesca. É importante observar que por serem os recursos naturais escassos, não lhes garantindo o excedente que necessitavam, a tendência foi desenvolverem técnicas agrícolas, como terraços, por exemplo, para vencer a erosão.

Para obter condições adequadas ao plantio, os maias drenaram seus pântanos. Ao lado desses progressos técnicos, o cultivo de milho se dava com o uso das queimadas. Durante os meses da seca, limpavam o terreno, deixando apenas as árvores mais frondosas. Em seguida, ateavam fogo para limpá-lo, deixando o campo em condições de ser semeado.

ARQUITETURA, DEVOÇÃO RELIGIOSA E ASTRONOMIA

Boa parte da arquitetura maia era devotada ao culto religioso. Suas cidades funcionavam como centros religiosos, enquanto que o povo vivia em choças e casas de adobe. Os templos eram de forma retangular e construídos sobre pirâmides truncadas, acessíveis por escadas laterais.

Na arte maia, destacava-se a combinação da arquitetura com a decoração em relevo de estuque e pedra-sabão. O 'caracol' era um observatório astronômico com seteiras voltadas para os planetas Vênus, Marte, Júpiter, estrela Sírio e Lua. Havia também o Castelo, em forma de pirâmide com quatro escadas centrais, cada uma com 90 degraus, e mais cinco degraus que levavam até o templo, o que somava 365 degraus. Dentre as peças remanescentes dos antigos maias, muitas eram feitas com liga de 960 milésimos de ouro puro e alguns objetos oriundos de regiões distantes. Esses detalhes deixaram claro que eles tinham contato com as culturas ameríndias.



TOLTECAS E CHICHIMECAS

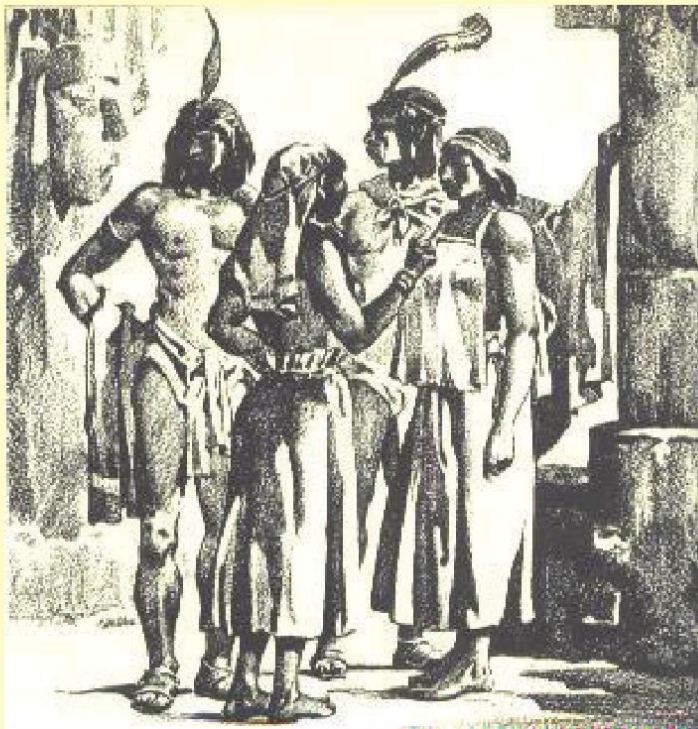
Os povos maias tiveram organização social e política entre os séculos IV a.C. e IX d.C. Durante os séculos IX e X foram dominados pelos toltecas, da região de Tula, que assim como os maias, eram um povo que possuía avançados conhecimentos de astronomia e medicina.

Os toltecas eram mais altos fisicamente e mestres em todas as artes, de tal modo que a palavra 'tolteca' chegou a significar 'artista' entre os astecas. Eram considerados os criadores de toda a cultura e ciência desenvolvida pelos demais povos e possuíam um elaborado sistema de escrita. A confederação maia-tolteca não teve uma duração muito longa: discórdias internas, juntamente com pestes, invasões de outros povos, provocaram o fim

do poder centralizado. Seguiu-se uma longa guerra, na qual se destacou um chefe estrangeiro, o asteca Moctezuma.

Com o aparecimento dos chichimecas, povo bárbaro que deu origem posteriormente ao império asteca, aconteceu a queda do império tolteca. Seus guerreiros invadiram a cidade de Tula no século XII e acabaram dominando-a por completo. As evidências de guerras e de conflitos entre os toltecas e chichimecas podem ser percebidas nas ruínas de monumentos e construções. Os toltecas que sobreviveram à ira dos inimigos fugiram para outras regiões. Deixaram para trás um império notável que introduziu na América o calendário, a escrita e o trabalho em metal.

Os historiadores distinguem dois grandes períodos na civilização maia, chamados de antigo império e novo império. O antigo império teve seu centro no norte da Guatemala, mas se estendeu pelo sul do México e também por Honduras. O novo império ocupou a metade setentrional da península de Yucatan.





AS CIDADES DOS MAIAS

Algumas das mais imponentes cidades construídas pelos maias impressionam pela beleza e tamanho, em todas prevalece o clima de mistério, pois ainda não se sabe por que várias delas foram abandonadas pelos seus habitantes.

- DEL REY

As ruínas Del Rey formam a maior zona arqueológica de Cancun, localizada no km 19 de Boulevard Kukulkán. Contém praças delimitadas por edifícios e plataformas que se comunicam por um caminho de 200 m. Teve o seu auge no período de 1250 a 1521 d.C.

• **TULUM**

Tulum é uma imponente cidade rodeada por muralhas junto ao mar do Caribe. Foi construída entre os anos 250 e 900 d.C. Os seus edifícios mais importantes são o ‘castelo’ que se encontra a doze metros de altura, o Templo del Dios Descendente, com a imagem de Itzamna na fachada; e o Templo de los frescos, com pinturas no interior. Tulum é a zona mais visitada do mundo maia.

• **COBÁ**

Cobá é considerada como uma das mais importantes cidades dos maias. Tinha cerca de 100 quilômetros quadrados. A sua pirâmide Nohoch Mul, com 42 metros de altura e com 120 degraus, é a mais alta da península de Yucatan. Os edifícios da cidade estão no meio da selva e o percurso pode ser feito através das calçadas de pedra branca, existindo mais de 50, que servem para fazer a comunicação entre a cidade e as zonas periféricas.

O núcleo de Cobá é formado por cinco grupos de grandes edifícios: Cobá, Nohoch Mul, Chumuc Mul, Macanxoc e Uxul-Benuc.

• **KOHONLICH**

Este importante centro cerimonial maia esteve ocupado entre os anos 300 e 1200 d.C. O edifício principal de Kohonlich é o Templo del Sol, que reúne esculturas de até dois metros de altura que se julga representarem o astro.

• **CHICHÉN-ITZÁ**

Chichén-Itzá é uma valiosa zona arqueológica, cuja fundação data do ano 445 d.C. e foi habitada até 1204. Divide-se em duas grandes seções: Chichén Velho e Chichén Novo. A estrutura mais importante é o ‘castelo’, cujas escadas terminam em duas cabeças de serpente.

Além do ‘castelo’, formam Chichén-Itzá o Templo de los Guerreros, o Observatório, o Templo de las Mil Columnas, o Tzompantli, o Akab Dzib, e o Templo de Los Jaguares.

Três grandes poços naturais chamados de cenotes e outros menores fazem parte da paisagem de Chichén-Itzá. Sua circunferência é de 60 m e a profundidade de 25 m. Em seu interior foram encontrados bastões resinosos que eram, na verdade, incensos. Mais adiante, foram encontrados facas de

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

pedra, pontas de lanças, tijolos de cerâmica e pedras, joias, adereços e, por fim, ossos humanos – mulheres jovens sacrificadas em oferendas. Apenas um esqueleto masculino foi encontrado junto aos das mulheres.

• UXMAL

Um dos edifícios importantes que mais sobressaem na região de Uxmal é a Pirâmide del Adivino; destacam-se também o Cuadrángulo de las Monjas, o Palacio del Gobernador e a casa das Tortugas.



• A CIDADE DE TICAL

No século XVII os espanhóis descobriram as ruínas da cidade de Tical. Eram missionários que queriam converter tribos que viviam às margens do lago Petén-Itzá. A partir do relato feito pelos religiosos, o coronel Modesto Mendez, em 1848, foi procurar a cidade, e quando a encontrou ficou maravilhado com a cultura.

Impressiona e se mantém como mistério até hoje o tamanho da pirâmide e dos templos feitos daquele tamanho com objetos construtores equivalentes à idade da pedra europeia. Além disso, a cidade possuía grandes reservatórios de água. Depois, foram encontradas pirâmides maias na Guatemala com até 45 metros de altura, na região de Nakbe, e com objetos datados de mais ou menos 400 a.C.

Calcula-se que em seus tempos de esplendor, no decorrer do século IX d.C., a cidade de Tical chegou a reunir uma população com cerca de 50 mil pessoas. Em parte, tal fenômeno habitacional se deve a sua localização no cruzamento de rios que se encontram no caminho entre o Golfo do México e o Mar do Caribe. No ano 900, aproximadamente, o povo abandonou a região, rumo ao norte. São ainda misteriosos os motivos da partida repentina. Acredita-se que o êxodo tenha sido causado por uma epidemia ou pelo aumento da população, gerando escassez de alimentos.

A grandiosidade dos maias pode ser hoje constatada graças aos monumentos que deixaram como legado de sua existência. Eles construíam grandes edifícios e pirâmides de pedra. Um deles é a pirâmide I ou Templo do Jaguar, considerada a maior das seis pirâmides de Tical. Essa construção mede aproximadamente 70 metros de altura e era, além de templo de homenagem a Itzamna, túmulo dos governantes.

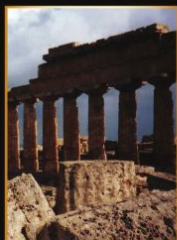






EGITO

A busca pela eternidade, A criação da República e do Império



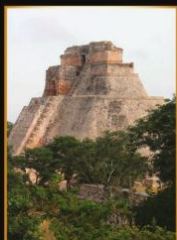
ROMA

A criação da República e do Império



GRÉCIA

O legado das Artes Gregas



ASTECA

Deuses e sacrifícios, astronomia, pirâmides



MAIA

As místicas cidades e templos

CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Nesta edição, leia sobre a grandiosidade dos maias e astecas e suas monumentais pirâmides, os traços de alto grau de civilização que deixaram, lançando um manto de mistério sobre os povos pré-colombianos; conheça a arte egípcia, os rituais funéreas antigos em busca da eternidade; e mais: a cultura ancestral da Grécia, a beleza estética de suas estátuas e arquitetura; por fim, Roma Antiga, um povoado na península itálica que evoluiu e chegou a um império poderosíssimo, berço da civilização ocidental.